

IICA
PM-115

PUBLICAÇÃO MISCELÂNEA Nº 115

JUAN E. DIAZ BORDENAVE

**NOVAS PERSPECTIVAS
NA CAPACITAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO PARA
O DESENVOLVIMENTO RURAL**

IICA
PM-115

IICA



Digitized by Google

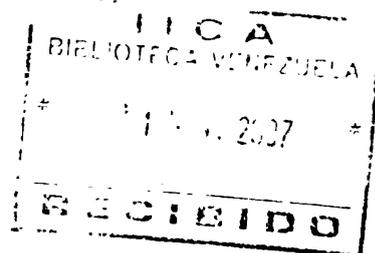


Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas da OEA- Zona Sul
Representação em Brasil

Publicação Miscelânea Nº 115

"NOVAS PERSPECTIVAS NA CAPACITAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL"

por Juan Díaz Bordenave, PhD



Rio de Janeiro, Brasil

Setembro 1974

~~001908~~

00000262

C O N T E Ú D O

- 1 - "NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TREINAMENTO EM COMUNICAÇÃO NOS PAISES
EM DESENVOLVIMENTO" n.º de pgs. 36

Trabalho apresentado no II Congresso Mundial de Sociologia Ru-
ral, Baton Rouge, Louisiana, Estados Unidos, Agosto 1972.

- 2 - "TREINAMENTO DE PESSOAL EM COMUNICAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO RU
RAL" n.º de pgs. 12

Trabalho publicado na Revista "Training for Agriculture ", de
FAO, Roma, 1973.

" NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TREINAMENTO EM COMUNICAÇÃO NOS
PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO"

Por Juan Díaz Bordenave, PhD

ÍNDICE

- . Introdução
- . Parte I - A evolução da comunicação agrícola na América Latina
- . Parte II - Possíveis áreas que exigem o auxílio da comunicação
- . Parte III - Implicações para serem consideradas no treinamento em comunicação
- . Bibliografia

Agradecimento

O autor expressa seu profundo reconhecimento a todos que contribuíram com idéias e sugestões para a composição deste trabalho, e um agradecimento especial para Armando Samper, Susana Amaya, Ignacio Ansorena, Solon Barraclough, Luis Ramiro Beltrán, Hernando Bertoni, Thomas J. Burke, Hernán Carrera, Francisco Arinos Costa e Silva, Luis Flores, Eduardo Ramos, Max Reindl, Luis Salinas, Plinio de Arruda Sampaio, João Gonçalves de Souza e Yuri Izquierdo.

As idéias contidas neste trabalho são da responsabilidade exclusiva e pessoal do autor, não refletindo necessariamente a posição de sua instituição e/ou de suas linhas de ação.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TREINAMENTO EM COMUNICAÇÃO NOS
PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

Juan Díaz Bordenave, PhD

Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas da OEA

"Ser como é, o que isto significa? Na menor partícula de um giz, o que é visto será sempre relacionado com a nuvem que se observa através da janela ou com as esperanças do observador. As coisas pesam mais se são vistas; oito mais oito são dezesseis e mais a pessoa que está somando.

'Ser como é, então, talvez não seja o que realmente é, mas apenas valha como tal, apresente-se como tal, ou mesmo pareça ser como tal".

Julio Cortazar, Os Prêmios

INTRODUÇÃO :

Através de acertos e erros, através de uma lenta superação de nossa tendenciosidade ideológica, nossos preconceitos de classe e nossa miopia intelectual, viemos aprendendo durante os últimos 30 anos o que realmente vem a ser comunicação. Podemos ainda - como diz Cortazar - estar sendo "enganados pelo que parece ser", mas tendo recebido recentemente, pela experiência, um significativo "feedback" e também as visões tão lúcidas de homens como Jean Piaget, Carl Rogers, Paulo Freire e Marshall McLuhan, podemos dizer que a nossa compreensão do processo de comunicação aumentou consideravelmente.

Isto é importante se pretendemos falar de maneira inteligente sobre o treinamento em comunicação, e esta importância se torna maior ainda quando tentamos responder às perguntas que Delbert Myren nos colocou como base para este documento:

"Partindo-se do consenso geral atualmente reconhecido de que na grande parte dos problemas de renda e de emprego precisa ser tratada nas áreas rurais, como tornar mais efetivo o treinamento do pessoal destinado a aprimorar a vida rural? Tomando-se o sentido mais genérico possível, em que tipos de treinamento - de curto prazo, de graduação, de pós-graduação - valeria a pena, para os governos nacionais e os doadores internacionais como AID, IDB e o "Banco Mundial", empregar seu capital no momento, e durante a próxima década?"

A fim de discutir as alternativas que se oferecem para o treinamento em comunicação na próxima década, gostaria de analisar o que comunicação significa para nós; e isto implica num retrospecto do que parece ter sido este conceito no passado, do que ainda hoje parece ser, e do que ele tende a ser num futuro bem próximo. Por conseguinte, a parte inicial do meu trabalho destina-se à análise da evolução da comunicação rural na América Latina, com especial atenção nas mudanças de ênfase nos diversos elementos do processo de comunicação.

Para iniciar nosso raciocínio, farei uma constatação bem ampla e um pouco audaciosa: eu diria que a diretriz orientadora da comunicação no passado esteve centrada no conteúdo; posteriormente esta orientação passou para os códigos, depois para os meios de comunicação, e em seguida mudou para os feitos da comunicação, estendendo-se até a noção de processo. Mais recentemente, o foco de atenção esteve nas funções que a comunicação exerce para os receptores, e a última tendência observada chama a nossa atenção para o contexto estrutural e institucional onde estão inseridos os receptores. Somente há bem pouco tempo atrás, nosso interesse passou a se centralizar no receptor como pesoa, e na comunidade como um grupo realmente composto por pessoas. Parece que agora estamos entrando numa época em que se busca um novo conceito do humanismo comunitário, e uma nova imagem para o papel humano da comunicação.

PARTE I : A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO AGRÍCOLA

Tentarei precisar melhor a progressão acima indicada, assumindo a posição de um observador do quadro geral da América Latina. É possível que um técnico nacional em comunicação agrícola tenha uma opinião diferente da minha.

Quando o Serviço de Intercâmbio Científico do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (ITCA) foi criado em 1948, seu objetivo principal era fazer mais acessíveis os resultados experimentais registrados em relatórios técnicos, livros e jornais, aos cientistas agrícolas da América Latina. O trabalho começou, portanto, com uma orientação para o conteúdo, mas pelo fato mesmo do conteúdo ser transmitido através de códigos, logo foi crescendo o interesse pela forma de preparar artigos técnicos, sumários (resumos), normas para citações bibliográficas, etc... Atravessamos, assim, um período de orientação para os códigos.

Na década de 50, a América Latina foi invadida pelos programas e técnicos do "Ponto Quatro" dos Estados Unidos. Entre os objetivos da Administração de Cooperação Internacional, entidade que dirigia a assistência norte-americana, o desenvolvimento de serviços de extensão agrícola ocupava um lugar de alta prioridade. Isto requeria a utilização de meios para atingir um número maior de fazendeiros do que no passado, e assim, como parte dos serviços nacionais de extensão, foram estabelecidos ou aprimorados, escritórios de informação agrícola. Como o pessoal de informação tinha que ser treinado, a Administração de Cooperação Internacional fez um acordo com a minha organização, o IICA, que incluía o treinamento do pessoal, serviços de consultoria e o fornecimento de materiais informativos (de informação), como um serviço de apoio para as Missões de Operação dos Estados Unidos nos países. Inúmeros cursos foram ministrados em Turrialba, sede do IICA e por toda a América Latina visando a preparação de programas de rádio, folhetos, recursos visuais, cartazes, etc... Nesta época, a campanha, isto é, a intensa combinação de diversos meios para um objetivo específico, foi programada quase que como uma panacéia. Nossa orientação, antes dirigida para o conteúdo e para o código, foi substituída por uma orientação que visava os meios e a eles deu-se um crédito muito maior do que aos conteúdos. Toneladas de equipamento e de materiais para trabalhos de informação de fabricação americana foram transportadas para os nossos países e seminários audio-visuais internacionais foram oferecidos pelo "Point Four", no Panamá, Belo Horizonte e San José.

A base ideológica para todo esse entusiasmo era simples: precisávamos informar aos fazendeiros e persuadí-los de adotar melhores técnicas agrícolas para que assim pudessem produzir maior quantidade de alimento e fibras. E as pessoas indicadas para saberem o que era melhor para os fazendeiros, eram os cientistas e os técnicos. Colocamos então suas recomendações em programas de rádio, reuniões e demonstrações, utilizando ao máximo os recursos visuais para convencê-los a aceitar nossas mensagens. (Não elimino a possibilidade de que os fabricantes de projetores, de câmeras, de máquinas impressoras e outras coisas deste gênero tenham sido, por detrás, os incentivadores deste entusiasmo).

Naturalmente a decepção teria que chegar, pois, embora soubéssemos manipular muito bem os meios, os efeitos não estavam à altura das nossas expectativas. Diversos críticos começaram a atacar a idéia de comunicação como transmissão de informação. As palavras de Luis Ramiro Beltrán comprovam esta reação, quando escreveu:

"Talvez (o conceito de comunicação como uma transmissão) nos leve a pensar que um especialista em comunicação é um tipo de perito na emissão de mensagens a serem transmitidas e na utilização de métodos, meios e canais para conseguir realizar a transmissão.

Levamos este conceito a um extremo tal, que muitas pessoas acham que os especialistas em comunicação devem ser, antes de tudo, técnicos na utilização dos diferentes dispositivos disponíveis, como instrumentos mecânicos auxiliares que servem à comunicação entre os homens. O "hardware"(maquinária)útil, mas acessório, adquire, deste modo, uma importância injustificável.

A obsessão pelos meios diminuiu, a proporção que foi sendo substituída por uma nova obsessão : a preocupação com os efeitos. Em parte como uma consequência do curso de comunicação "train the trainer"("Treinar o treinador") realizado pelo Projeto Nacional de Comunicação Agrícola com o financiamento do "Point Four", norteamericano, e adaptado pelo IICA para América Latina, o cabedal de conhecimentos de que dispunham as ciências sociais foi requisitado para apoiar o esforço geral que estava dirigido para a produção de efeitos. Por exemplo, os resultados de estudos sobre a adoção e a difusão das inovações (2), o processo de ação social (3), as consequências culturais das inovações tecnológicas (4) etc..., tornaram-se conhecimentos indispensáveis para o campo da informação. O trabalho do especialista em comunicação começou a ser considerado como um "tipo de engenharia psico-social do comportamento, uma ciência da geração dos diferentes tipos de comportamento humano". (1) 1/

1/ Precisamos reconhecer que foi precisamente esta orientação para os efeitos que constituiu a base do programa de pós-graduação em comunicação estabelecido pela Universidade Agrária de La Molina, no Peru, com a colaboração do IICA e do Consórcio das Universidades do Midwest para as Atividades Internacionais(MUCIA)

A abordagem era obviamente manipulativa, porém, naquela época, nossa consciência estava em paz porque a manipulação - "a manipulação responsável" - era considerada não apenas normal, como também boa. David K. Berlo (5) presidente do Departamento de Comunicação da Universidade do Estado de Michigan, e um dos nossos "legitimadores", disse numa palestra em Fort/Collins no encerramento do curso "treinar o treinador" da N.P.A.C. : "Nós somos manipuladores. Nós não podemos ser outra coisa e não devemos ser outra coisa. Repito: somos manipuladores. Somos agentes do efeito. Todas as vezes que nos comunicamos, nossa intenção é fazer com que o nosso público saiba que algumas coisas são verdadeiras e que outras não o são, em nosso critério. Queremos que o nosso público compreenda que certas interpretações são adequadas e que outras não o são - segundo nossa percepção. Nós comunicamos para poder manipular e para modificar algo existente. Aquele que disser que não tem qualquer intenção de manipular, de persuadir, de provocar mudanças e alterações no seu público, esconde seu propósito verdadeiro, ou demonstra ignorar a natureza mesma do processo de comunicação. Ensinar é manipular, escrever é manipular, fazer uma transmissão pelo rádio é manipular".

Beltrán colocou o conceito em evolução da missão do especialista em comunicação, da seguinte maneira:

"Estou de acordo com o conceito de que o perito em comunicação precisa ser sobretudo, um cientista social especializado em provocar mudanças no comportamento das pessoas. Sem querer subestimar a importância da arte de preparar mensagens, utilizar os meios e manusear o equipamento, eu acho que estes fatores são complementares em relação a sua responsabilidade básica de saber como as pessoas são e de que maneira elas podem ser conduzidas a pensar, sentir e agir de determinado modo". 2/

Ao mesmo tempo que a necessidade que temos de produzir um efeito nas pessoas nos faz apelar para as ciências sociais, ganhamos da teoria uma importante contribuição: a noção de processo. Aprendemos a ver comunicação não mais como uma proposição de tipo "preto ou branco" e sim como a interação multivariável e dinâmica de inúmeros fatores. E deste modo descobrimos que "significado" pertence muito mais ao receptor do que à mensagem, e que o receptor não é uma página em branco onde podemos escrever nossas mensagens, mas sim um ser dinâmico cujas crenças, atitudes e valores se desenvolvem a partir da sua experiência vivencial. Isto nos faz reagir contra um modelo linear de comunicação indo da esquerda para a direita, do agente de mudança para o fazendeiro (agricultor) carregando informação como um balde carrega água.

Outro conceito que adquirimos das ciências sociais foi a noção de sistema, e aprendemos ainda a caracterizar não só sistemas sociais, mas também sistemas de mensagens, sistemas de meios, etc... Embora posteriormente esta noção tenha facilitado nossa compreensão do processo de desenvolvimento, naquela época, ela pouco contribuiu para diminuir nossa adesão à ideologia da transmissão. Nós éramos, ainda, homens de informação agrícola.

Foi por essa época que toda a idéia do desenvolvimento econômico explodiu sobre nós como uma bomba atômica. Schramm e muitos outros apressaram-se em demonstrar que a comunicação era essencial para o desenvolvimento. Schramm escreveu inclusive no prefácio de seu livro "Meios de Comunicação de Massa e Desenvolvimento Nacional": "Sem uma comunicação adequada e efetiva o desenvolvimento econômico e social será inevitavelmente retardado e pode ser contra-producente. Com uma comunicação adequada e efetiva o caminho para a mudança pode ser trilhado com maior rapidez e de modo bem mais fácil". (6)

2/ o grifo é nosso.

O IICA aderiu ao entusiasmo geral e em colaboração com a Associação Internacional Americana (AIA) organizou, em 1964, em Santiago, Chile, seminário sobre Comunicação no Desenvolvimento Econômico. Contudo, inicialmente a comunicação trouxe para sua aliança com o desenvolvimento, muito da antiga mentalidade de transmissão. Ela era considerada como o braço direito dos planejadores do Governo e sua função principal era a de obter o apoio e a participação do povo, para a execução dos planos de desenvolvimento. Quanto a nós, informadores, enquanto que nos anos anteriores apontávamos nossos canhões para os fazendeiros em nome de uma crescente produção para melhor renda individual e uma vida melhor para você e sua família, agora, perseguimos esses mesmos fazendeiros em nome do "desenvolvimento econômico e social".

Representando o Governo Chileno, no encontro de Santiago, o Ministro da Agricultura (7) foi explícito :

"Dentro desta concepção, um requerimento fundamental é que o homem, o povo de um Estado e o de um continente, seja informado sobre o que se deseja, para que finalidade, como e quando. Apenas desta maneira ele poderá dar o seu apoio porque terá compreendido os objetivos, participará deles e dará seu trabalho consciente na parte que lhe couber". 1/

O entusiasmo pelo binômio desenvolvimento-comunicação já atingia o estado de euforia, quando pesquisadores começaram a explorar uma área que, eventualmente, fez com que os entusiastas exacerbados pensassem de modo mais moderado. Invertendo a célebre frase do Presidente Kennedy, começamos a "perguntar não o que você pode fazer pela comunicação, mas o que ela pode fazer por você". Nossa atenção centrou-se em descobrir como as pessoas utilizavam a comunicação em seu próprio interesse, ou em outras palavras, quais seriam as funções que a comunicação oferecia ao indivíduo. Dois exemplos bem nítidos de estudos de pesquisa centrados nas funções da comunicação visando o indivíduo, foram as análises de Delbert Myren sobre os efeitos do risco e da incerteza verificados no comportamento dos fazendeiros mexicanos quanto às decisões a serem tomadas e a procura de informação e o meu próprio estudo em Timbauba - Pernambuco, sobre os fatores psicológicos e sociológicos que afetam a procura de informação instrumental entre os agricultores do Nordeste Brasileiro. A ênfase sobre o aspecto "função", levou-nos naturalmente ao estudo da "tomada de decisões" e ao papel da comunicação em relação àquele processo.

1/ o grifo é nosso.

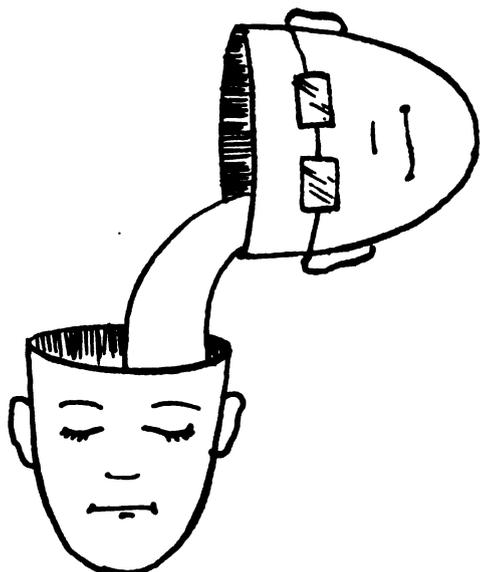
Este interesse nos fatores da tomada de decisões apresentou importantes conseqüências, pois descobrimos que a estrutura social era um fator determinante na procura e no recebimento da comunicação. O meu estudo de Timbautba mostrou a disparidade do acesso à comunicação e ao conhecimento instrumental verificada entre os agricultores de diferentes estratos sócio-econômicos. James Gruning, na Colômbia, utilizando uma tipologia de decisões, chegou à conclusão de que :

... "estudos anteriores concentravam-se geralmente no comportamento da comunicação com algumas variáveis sócio-psicológicas, sem levar em consideração a situação estrutural onde a comunicação ocorre. Na maioria das situações verificadas no campo, contudo, a rigidez estrutural precisa ser rompida antes que a comunicação possa surtir efeito. Tanto os hábitos de comunicação quanto estes fatores sócio-psicológicos paralelos são considerados como derivados da situação". 10

No Peru, diversas teses apresentadas no programa de pós-graduação em comunicação de La Molina, estudaram as mudanças do papel da comunicação numa sociedade rural submetida a uma transformação estrutural radical.

Tão útil quanto descobrir as restrições impostas pela estrutura sócio-econômica ao comportamento de comunicação dos receptores, foi desmascarar a forte influência exercida pela estrutura sócio-econômica nas mensagens e nos meios. Rodrigues Dias, no Brasil, Roca, no Peru e Mattelart, no Chile, entre outros, revelaram até que ponto grandes interesses financeiros controladores da comunicação de massa, impunham tendências e distorções no conteúdo, a fim de proteger suas possessões, o "status" dominante e seu poder político. E com tudo isto, aprendemos que a comunicação manipulada pode ser uma faca de dois gumes, pois as mensagens e os meios podem ser nefastos ao desenvolvimento, se utilizados para reforçar a ideologia e os interesses das classes dominantes.

Um outro passo dado nesta época foi o de termos compreendido a necessidade de associarmos comunicação a fatores infra-estruturais para que uma mudança agrícola pudesse ser realizada. Por fatores infra-estruturais queremos dizer as condições estabelecidas pela política agrícola para a produção, tais como: preços, mercados, transportes, crédito, armazenamento, fornecimento de insumos modernos, como sementes aperfeiçoadas, fertilizantes, inseticidas, etc... Descobrimos que, se para tomar uma decisão o fazendeiro requer motivação, informação e capacidade (o querer, o saber e o poder), a comunicação só poderia ser positivamente influente quando os fatores infra-estruturais fossem favoráveis. A associação necessária entre comunicação e a base infra-estrutural foi dramatizada pelo Projeto Puebla, no México, onde colaboraram: pesquisa, extensão, comunicação, crédito, seguro agrícola, fornecimento de insumos e comercialização. Este Projeto mostrou a necessidade de uma política geral adequada, para que a comunicação rural fosse realmente eficaz.



Ao compreendermos a importância crucial tanto das condições estruturais quanto das infraestruturais nós, operadores de comunicação latino-americanos, sentimos uma grande frustração porque nos achamos impotentes para melhorar tais condições. Nossa capacidade em termos de mensagem e de meios era insuficiente para ajudar a uma massa de fazendeiros e composes a sairem da opressiva estrutura de um setor rural estratificado, conservador e, algumas vezes, quase feudal.

Necessitávamos desesperadamente de uma nova filosofia de comunicação e de mudança, e isto nos foi dado por Paulo Freire. Freire é um pedagogo brasileiro, exilado de seu país em 1964, porque sua cultura e seus métodos de conscientização foram considerados subversivos. Ele distinguia dois tipos de educação nos países subdesenvolvidos: uma educação "bancária" na qual o conhecimento do professor e suas experiências é depositado na cabeça de um aluno passivo, através de métodos autocráticos (veja figura 1), e uma educação "problematizante" na qual alunos ativos, junto com o professor, voltam à realidade através do diálogo e "problematizam" o mundo com uma visão de primeira mão. O método de conscientização foi, mais tarde, refinado e tornou-se um método de "investigação temática". 1/

tizante" na qual alunos ativos, junto com o professor, voltam à realidade através do diálogo e "problematizam" o mundo com uma visão de primeira mão. O método de conscientização foi, mais tarde, refinado e tornou-se um método de "investigação temática". 1/

1/ O método da investigação temática inclui o uso intenso de comunicação já que os "temas culturais" do camponês são "codificados" em códigos sonoros ou gráficos que são depois apresentados às pessoas de comunidade como instrumentos para descobrirem sua própria situação existencial e estrutural, para identificar suas necessidades e planejar suas ações, de modo a superar suas limitações.

O fato é que, depois de lerem os livros de Paulo Freire, a maior parte dos homens de informação agrícola, humildemente reconheceram com um "mea culpa", que nossos procedimentos e nossas técnicas constituíam uma educação puramente "bancária", e que estávamos, para sempre, transferindo para os camponeses nossas idéias, nossos valores e nossas técnicas urbanas, através de mensagens persuasivas que os tornavam dependentes de nós. Isto, segundo Paulo Freire é a maneira típica pela qual as elites dominantes de todo mundo, mantém as massas sob seu domínio. 15

Ao contrário, o tipo de educação "problematizante" ou "liberacionista" valoriza a personalidade e a cultura do camponês, ajuda ao indivíduo a tomar consciência da sua situação e a descobrir instrumentos culturais para a sua liberalização, tais como, a alfabetização, (educação), escolarização, sindicalização, participação política etc...

Obviamente, numa sociedade reacionária como a nossa, isto significa revolução. As idéias de Paulo Freire, entretanto, são firmemente baseadas em descobertas psicológicas e pedagógicas de dois grandes cientistas ainda vivos: Carl Rogers e Jean Piaget, que estão influenciando grandemente a orientação da educação moderna em todo o mundo.

Rogers, psicólogo, descobriu através da experiência clínica que a manipulação de pessoas não funciona em grande escala, e que, se quisermos mudar as pessoas, temos que aceitá-las como elas são e criar uma atmosfera de respeito e liberdade do nosso relacionamento com elas. Nesta atmosfera livre de qualquer ameaça, a pessoa pode encarar a si mesma, fazer uma auto-análise, e chegar à descoberta do seu "eu" genuíno, livre, e não condicionado que, segundo Rogers, é essencialmente construtivo e bom.

A importância de um "auto-conceito" ou de uma "auto-imagem" positivos, que implica assumir a dignidade humana de cada um, coloca a teoria de Rogers na base das idéias e métodos de Paulo Freire. 16

Jean Piaget, biólogo, nos mostra que a inteligência, como qualquer outro atributo biológico, desenvolve suas estruturas cada vez mais complexas, dependendo da quantidade e da qualidade de estímulos recebido do seu meio ambiente. 17

Um camponês, então, pode ser ignorante não porque ele é biologicamente inferior, mas porque sua inteligência não foi suficientemente estimulada para passar do "nível concreto operatório" para o "nível operatório abstrato". Por conseguinte, um tipo de comunicação que meramente informe ao fazendeiro o que ele tem que fazer, sem desafiar a sua inteligência, sem pedir que ele compreenda os problemas e as possíveis alternativas de solução, estará perpetuando a atrofia intelectual deste camponês. E aqui, uma vez mais, aparece uma base firme para os métodos de conscientização de Paulo Freire.

É encorajador verificar como estas idéias influenciaram a maneira de pensar dos especialistas em comunicação latino-americanos. 1/ Comparem as recentes palavras de Luis Ramiro Beltrán com as que foram pronunciadas no seminário de Santiago, em 1964.

"Frequentemente, entende-se por comunicação o processo de transmitir as maneiras de pensar, de sentir e de se comportar de uma ou mais pessoas a uma outra ou a outras pessoas. Geralmente acha-se que através de tal "transfêrência" o transmissor tem o objetivo principal de persuadir o receptor a adotar estes modos de comportamento.

Este conceito de comunicação é questionável, pois está baseado numa analogia mecanicista cuja validade pode ser contestada. Ainda por cima ele traz implícita uma visão autocrática do relacionamento entre seres humanos. Ele presume uma fonte ativa, operando sobre um receptor passivo através do monólogo persuasivo. Desta maneira, este conceito sugere uma relação vertical na qual a fonte tenderá a dirigir e dominar o comportamento do receptor".

"De forma alternativa, é possível entender comunicação como um processo de interação social, baseada no uso de sistemas simbólicos através dos quais os seres humanos trocam, por meio de diálogo, experiências afetivas e cognitivas, influenciando mutuamente o comportamento de cada um, com as mais varia das intenções".

"Esta maneira de compreender a comunicação supõe um relacionamento horizontal entre fonte e receptor, com base no diálogo, implica numa oportunidade livre e igual para uma influência mútua, e não reconhece a persuasão como o objetivo principal da transação social". 18

1/ A evolução da orientação para a comunicação evidentemente não é independente da evolução do conceito de desenvolvimento como sendo apenas uma manifestação de uma mudança ideológica (maior) mais ampla. A mentalidade da transmissão de informação caminha paralelamente com um conceito de desenvolvimento como sendo um crescimento econômico através da modernização tecnológica. O conceito mais humano de comunicação e o mais atual, que a vê como um diálogo, está de acordo com o conceito mais recente de desenvolvimento integral.

A mudança na orientação para a comunicação, não foi verificada a penas no nível das idéias, pois começou a ser implementada na prática pelo menos no Chile, onde o Projeto Nacional de Comunicação para 1972 (19), elaborado pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa para Reforma Agrária (ICIRA), incluía atividades bem planejadas para a participação do camponês nos diferentes níveis de gestão e administração da agricultura comunitária. 2/

No Brasil, o Estado do Piauí é atualmente o palco de uma experiência social muito interessante, a da participação do camponês no desenvolvimento rural. Esta experiência teve inicialmente, apoio dos Ministros da Educação e do Planejamento, do Governo do Estado e da Universidade Federal do Piauí.

RESUMO DA PARTE I

A primeira parte deste trabalho tentou mostrar que o conceito operante de Comunicação na América Latina, evoluiu de uma ênfase simplificada aos diversos elementos deste processo (conteúdo, códigos, meios, efeitos e receptores), a uma compreensão da natureza processual e sistêmica do processo de comunicação e, posteriormente, a uma conscientização da influência restritiva e condicionante dos fatores sócio-estruturais. Embora esta compreensão não seja compartilhada por todos os profissionais de comunicação, todos eles enfrentam um dilema comum: a necessidade de integrar harmonicamente duas importantes funções da comunicação no desenvolvimento - sua função como um veículo de transferência tecnológica e sua função como promotora do crescimento do indivíduo e da liberalização social. Enquanto que ambos processos a "conscientização" e a "tecnificação" - são considerados por muitos de nós como metas válidas, a urgência do desenvolvimento econômico e a resistência de elites conservadoras dificultam o tratamento integrado dos dois processos.

Além deste dilema, comunicação como uma ciência e como uma arte viu os seus campos de aplicação serem tremendamente aumentados nos últimos 10 anos. Por conseguinte, para podermos discutir as linhas gerais de uma política de treinamento, precisamos examinar agora quais são as exigências sociais do momento, em termos de comunicação.

PARTE II : EXIGÊNCIAS SOCIAIS SOBRE O TREINAMENTO EM COMUNICAÇÃO.

A questão colocada pelo presidente deste seminário (página 1) parece ter sido dirigida para os problemas mais sérios que a América Latina enfrenta nesta década : como conseguir emprego para tantos milhões de desempregados e como distribuir melhor uma renda atualmente tão concentrada no topo da pirâmide populacional. Segundo Jacob Schatan (22) baseados nos dados do ILPES e do CELADE :

"... perto de 1/3 da mão-de-obra agrícola na América Latina, é de desempregados incluindo-se neste conceito todas as pessoas completamente desocupadas, aquelas que trabalham esporadicamente e aquelas que estão ocupadas numa unidade econômica que trabalha em níveis de produtividade anormalmente baixos. Em alguns países esta proporção chega a atingir mais do que a metade".

Em relação à distribuição da renda dentro do setor rural, os dados do CEPAL mostram que enquanto quase 2% da população ativa recebeu 20% da renda bruta em 1965 (o que representa uma renda per-capita de mais de 7.000,00 dólares anuais) no extremo oposto da escala social, 65% da população agrícola, incluindo 19 milhões de pessoas ativas ou 60 milhões de pessoas, apresentaram um nível de renda anual de 290 dólares por pessoa ativa ou 90 dólares por habitante. Isto significa que este imenso e último grupo recebeu 23 vezes menos da renda do que o grupo mais rico. Schatan comenta : (22)

"Considerando-se que no resto da região a situação é semelhante, ou até pior, podemos concluir que nada menos do que 80 milhões de pessoas da população rural da América Latina vivem em condições de extrema miséria... apenas comparável à situação encontrada nas regiões mais pobres do mundo".

Evidentemente desemprego e renda baixa são as 2 faces de um mesmo fenômeno - a marginalidade, e infelizmente parece que sua tendência é aumentar. (Schatan, p. 7).

"Com base em informações incompletas podemos afirmar que o processo de concentração de renda e o aumento da miséria das grandes massas rurais tendem a se tornar mais acentuados ainda".

O tipo de solução política que pode ser dada a estes problemas dependerá do tipo de modelo de desenvolvimento adotado pelos diferentes países. Alguns deles preferirão acelerar o êxodo rural para a cidade, outros optarão por drásticos programas de reforma agrária e, outros ainda, tentarão aliviar as tensões sociais do momento através da colonização de novas terras.

Entretanto, independentemente das diversas soluções políticas possíveis podemos supor que determinadas atitudes terão que ser tomadas em qualquer parte da América Latina e que, para serem mais efetivas, irão requisitar a ajuda da comunicação.

Identificando estas atitudes poderíamos então ter uma base para traçarmos as diretrizes do treinamento em comunicação. Apresentamos a seguir, se bem que incompleta, uma lista de possíveis atividades para tal treinamento:

1. "Conscientização" dos líderes.

A experiência já nos mostrou (23) (24) que muitos dos esforços empreendidos pelas comunidades rurais para sua própria melhoria encontraram uma séria resistência por parte dos líderes locais, regionais e nacionais. Isto se explica pelo fato de que muitos destes líderes pertencem à geração anterior, ou porque têm interesse em manter um "status quo", ou simplesmente porque são bitolados e não compreendem a necessidade de uma mudança. Deveríamos então encontrar uma maneira de torná-los mais propensos à idéia da mudança, sendo necessário inclusive apelarmos para toda uma nova pedagogia para desenvolver a consciência social desses líderes.

2. Treinamento dos agricultores em técnicas de comunicação

Somente com a verdadeira participação dos agricultores e camponeses é que os programas de desenvolvimento rural poderão realmente ter sucesso e durar. A população rural geralmente carece da habilidade necessária para exprimir em suas idéias, para informar sobre seus problemas e para opinar sobre o que deveria ser feito. Os especialistas em comunicação deveriam encontrar um modo de ensinar aos agricultores o uso dos mesmos meios de comunicação que foram utilizados com eles no passado e, em alguns casos, até mesmo contra eles.

3. Criação de mecanismos de realimentação ("feedback")

Capacitar os agricultores a se expressarem faz parte do grande desafio feito aos especialistas em comunicação: para tanto, é necessário engendrar mecanismos melhores para informar tanto os responsáveis pelas decisões (pelos assuntos de gestão) quanto os centros de resolução de problemas sobre a situação da população rural, suas realizações e espiorações.

Atualmente é muito raro achar levantamentos de opinião pública que cubram as áreas rurais e analfabetas dos nossos países. Os próprios responsáveis pelo serviço de informação e de extensão, com muito mais frequência transmitem ao povo a mensagem das autoridades, do que do povo às autoridades.

4. Educação em massa através dos meios de comunicação

Cada vez mais, seremos requisitados para aconselhar governos e instituições privadas no sentido de estabelecer sistemas para a educação através da televisão e do rádio. Está nascendo uma nova pedagogia de massa (25) (26) (27) que eventualmente pode substituir muitos dos sistemas de educação tradicionais.

Particularmente importante, será imaginarmos programas novos e criativos destinados à juventude rural cada vez maior, e mais ativa. Até agora, desconheço qualquer programa de rádio preparado especialmente para meninos e meninas, apesar de sabermos que eles estão sempre propensos à mudança e ávidos por inovações.

5. Organização rural para pressão em grupo

A participação de agricultores e trabalhadores agrícolas nas decisões econômicas e políticas que afetam seu bem-estar, só será possível na América Latina se eles se organizarem em sindicatos, cooperativas e em sociedades de auxílio mútuo por todo o território nacional. O trabalho neste campo requer um tipo especial de comunicação ainda não muito desenvolvido entre nós, mas muito necessário.

6. Participação da comunicação no planejamento de programa

Enquanto que no passado os especialistas em comunicação agrícola apenas executavam os planos feitos por outros técnicos, sem serem por estes consultados no futuro, eles serão chamados para trabalhar com economistas, agrônomos e administradores; colocando em ação seu conhecimento específico das variáveis humanas, tais como o nível de conhecimento, as atitudes e motivação, o vocabulário, etc..., para obter a participação do povo no processo de planejamento. (28)

A formulação de uma estratégia de comunicação será então reconhecida como uma parte vital do planejamento do programa, e isto acarreta uma nova abordagem para o treinamento em comunicação, que deveria por um lado ter por base a teoria do planejamento e por outro maior atenção para a participação do povo neste processo.

7. Desenvolvimento e coordenação institucionais

O processo de desenvolvimento requer mudanças no homem e nas estruturas sociais, como também a transformação de instituições antigas e a criação de novas. A teoria moderna de organização revela a importância crucial de uma comunicação eficiente interna e externa para a produtividade institucional. (29) (30). Por outro lado, a coordenação institucional é também uma necessidade para um desenvolvimento nacional e regional - e uma boa comunicação é a base para tudo isso.

Entretanto, poucos especialistas em comunicação são competentes em análise e desenvolvimento institucionais, embora tenhamos agora a ajuda de uma nova disciplina: a teoria de Sistemas. Um exemplo de uma aplicação possível e fértil da comunicação e da teoria de sistemas pode ser encontrado no campo da comercialização agrícola. O mercado, como sistema, tem muitos ingredien

tes da comunicação em seus diversos subsistemas como: previsão de safras, informação de preços, educação do consumidor - e isto só para citar alguns exemplos. (31) (32).

8. Organização e distribuição da informação

Até o momento a organização e a operação de centros de documentação e bancos de dados têm estado nas mãos de bibliotecários e documentalistas. Porém, com a utilização crescente destes centros com uma orientação de serviço para grupos que trabalham em programas de desenvolvimento, os especialistas em comunicação deveriam entrar neste campo, em expansão para complementar a habilidade de bibliotecários e documentalistas com o seu conhecimento muito mais amplo sobre a ciência do comportamento e as estratégias de difusão da mensagem.

9. Transferência de tecnologia e a divulgação dos resultados das pesquisas

Embora uma grande parte da população rural da América Latina ainda esteja num estágio para o qual a "conscientização" deveria ser o primeiro passo para o desenvolvimento, existe uma outra grande parte que já adquiriu a consciência das suas necessidades e que considera a transferência da tecnologia moderna a principal prioridade. Na realidade ambas as partes necessitam adotar práticas de produção mais eficientes e mais rentáveis.

Como fazer a transferência da tecnologia com uma maior abertura de diálogo e de uma maneira mais pedagógica do que era feito com a antiga mentalidade de transmissão, é um outro desafio com que se depara a nova geração de comunicadores agrícolas. Insistimos no fato de que esforços massivos para aumentar a produção e a produtividade agrícolas entre as populações rurais são indispensáveis para o desenvolvimento. Como fazer isso sem ao mesmo tempo aumentar o abismo entre os pequenos agricultores e as grandes empresas agrícolas, é um caso que precisa ser estudado.

A transferência da tecnologia é apenas uma faceta do problema geral da difusão dos resultados de pesquisa, um problema ainda muito pouco abordado na América Latina. Apesar de que a extensão agrícola está levando aos fazendeiros uma quantidade substancial de resultados de pesquisa (quanto disponíveis) não existe um mecanismo de comunicação consistente na maioria dos nossos países para interpretar e entregar ao público em geral versões simplificadas destes resultados, através dos meios de comunicação.

10. Treinamento técnico da mão-de-obra agrícola não proprietária de terras

Embora possamos sonhar com o dia em que cada camponês terá seu próprio pedaço de terra e em que nenhum homem terá que alugar seu suor e seus braços para outros, até que este dia chegue, contudo, milhões de latino-americanos continuarão a trabalhar por um salário nas plantações, nos ranchos e nas indústrias rurais. Se uma revolução que lhes daria a terra é difícil por en

quanto, na maioria dos países, poderíamos ajudá-los a melhorar seu poder aquisitivo se planejássemos métodos eficazes para treiná-los tecnicamente? Porque esperar que os treinadores industriais finalmente dêem atenção às necessidades de capacitação destes trabalhadores rurais? Aqui de novo se apresenta o desafio de compatibilizar a tecnificação com a conscientização e a educação para a liberdade. Especialistas em comunicação, estudando os princípios da aprendizagem e os modernos métodos da tecnologia para a instrução, podem adaptá-los ao treinamento técnico da mão-de-obra agrícola não qualificada.

Este treinamento teria também outro objetivo: o de prepará-los para o trabalho industrial, caso fosse preciso abandonar suas condições rurais tão duras, como estão fazendo aos milhões. Esta providência é urgente, especialmente para os filhos e filhas mais jovens daqueles fazendeiros que aspiram a uma vida melhor para os seus.

11. Informação e Educação para o Planejamento Familiar

Por último, mas não menos importante, os princípios e as técnicas da comunicação deveriam ser aplicados a esta área complexa e delicada que toca em valores e crenças profundamente arraigados. Esta é uma área que requer um treinamento especial de especialistas em comunicação, o que já foi reconhecido pela Fundação Ford com a criação do Centro Interamericano de Comunicação para a População (CIACOP), com sede em San José, Costa Rica.

RESUMO DA PARTE II

Se aceitarmos a premissa do presidente deste seminário de que, por algum tempo ainda, "grande parte dos problemas de renda e de emprego precisam ser tratados nas áreas rurais", enfrentamos desafios de proporções significativas no campo da comunicação ao serviço da melhoria da vida rural.

Nesta parte, tentamos identificar determinadas ações que, independentemente de soluções políticas escolhidas para os problemas de emprego e de distribuição de renda e do tipo de modelo de desenvolvimento adotado, terão que ser empreendidas pelos nossos países na próxima década.

O objetivo desta análise tem sido averiguar as exigências sociais em termos de comunicação, dados estes que podem nos orientar na busca de um plano de ação adequado para o treinamento em comunicação.

Gostaríamos de ter podido sistematizar estas exigências sociais dentro de um modelo conceitual único, mas o tempo impediu-nos de fazê-lo. Por conseguinte, foi apresentada apenas uma lista de áreas que requerem a contribuição da comunicação, e conseqüentemente que podem ter uma influência na seleção dos objetivos, conteúdos e métodos para o treinamento em comunicação.

PARTE III : IMPLICAÇÕES PARA O TREINAMENTO EM COMUNICAÇÃO

A Parte I deste documento forneceu, esperamos, uma visão da orientação filosófica atual da comunicação para o desenvolvimento na América Latina. A Parte II, por outro lado, nos deu uma visão das possíveis áreas que requerem a ajuda da comunicação.

Propomos então ter como base estas duas visões, para formular nossas sugestões para as diretrizes, as metas, os objetivos, o conteúdo e os métodos do treinamento.

1. DIRETRIZES DO TREINAMENTO

O conceito atual de comunicação parece exigir, do treinamento em comunicação, uma abordagem mais estrutural, sistêmica, centrada em problemas, interdisciplinar, pedagógica, massiva e dirigida para a ação.

ORIENTAÇÃO MAIS ESTRUTURAL :

Isto significa que os treinandos deveriam conhecer as condições do passado que determinaram historicamente as estruturas sócio-econômicas atuais e também as forças sociais que atuam no momento, seja para defender ou alterar o "status quo" e, conseqüentemente, determinar os tipos de relacionamento que prevalecem entre os setores urbano e rural e entre os diferentes grupos que compõem este último. Assim, o treinando estará preparado para distinguir intervenções de comunicação que irão beneficiar os marginadores nos seus esforços de mudança de aqueles que só aumentarão os lucros dos grandes proprietários e dos fazendeiros comerciais.

MAIS SISTÊMICA :

Significa que o treinando verá o desenvolvimento do setor rural como uma parte orgânica do desenvolvimento geral do país e as instituições como subsistemas inter-relacionados de um sistema maior. Como exemplo, vejam o que Edward Schuh (33) sugere para o treinamento de economistas agrícolas :

"O que também ajuda é o fato do técnico se considerar em primeiro lugar um economista e depois, um economista rural. Deste modo, a agricultura será estudada em relação ao setor não agrícola e os problemas que têm suas raízes no setor não agrícola serão mais facilmente identificados".

MAIS CENTRADA EM PROBLEMAS :

Significa que o treinamento deve se basear na observação crítica da nossa própria realidade, com os problemas que lhe são peculiares e com suas potencialidades e, não mais exclusivamente, em especulações intelectuais calcadas na realidade de outros países.

MAIS INTERDISCIPLINAR:

Significa que o treinamento deveria receber, de uma forma integrada, as contribuições das diferentes ciências para que o treinando possa ver os diversos ângulos do problema. Os aspectos biológicos do funcionamento de uma fazenda, por exemplo, não deveriam ser estudados separados dos seus aspectos econômico e técnico, nem do próprio lado humano e social da vida do fazendeiro. Os treinandos deveriam, sempre, ver o bosque atrás das árvores e evitar cair na falácia dos homens cegos e elefante.

O enfoque interdisciplinar requer uma mudança radical na estrutura do currículo e na metodologia do ensino.

MAIS PEDAGÓGICA:

Significa que os treinandos em comunicação não terão mais, como anteriormente era considerado desejável, de colocar sua inteligência e aptidões ao serviço da "engenharia humana" dirigida para a obtenção de metas econômicas pré-estabelecidas através da persuasão e da manipulação do comportamento. O novo especialista em comunicação, ao contrário, produto de um enfoque mais "humanístico", deveria ser considerado um profissional da Pedagogia de Massas e da Mudança com Participação.

Significa também que os princípios e os tipos de aprendizagem deveriam ser aplicados de uma maneira mais científica e mais sistemática. Por exemplo: acho que a metodologia de extensão deveria se basear numa análise cuidadosa das operações de aprendizagem que cada tipo de técnica de operação agrícola requeira. Assim, por exemplo, Robert Gagné classificou os tipos de aprendizagem em 8 categorias, a saber: (34)

1. Aprendizagem através de sinais e signos.
2. Estímulo - resposta.
3. Cadeia ou aprendizagem em sequência.
4. Associação verbal.
5. Discriminações múltiplas.
6. Aprendizagem de conceitos.
7. Aprendizagem de princípios.
8. Resolução de problemas.

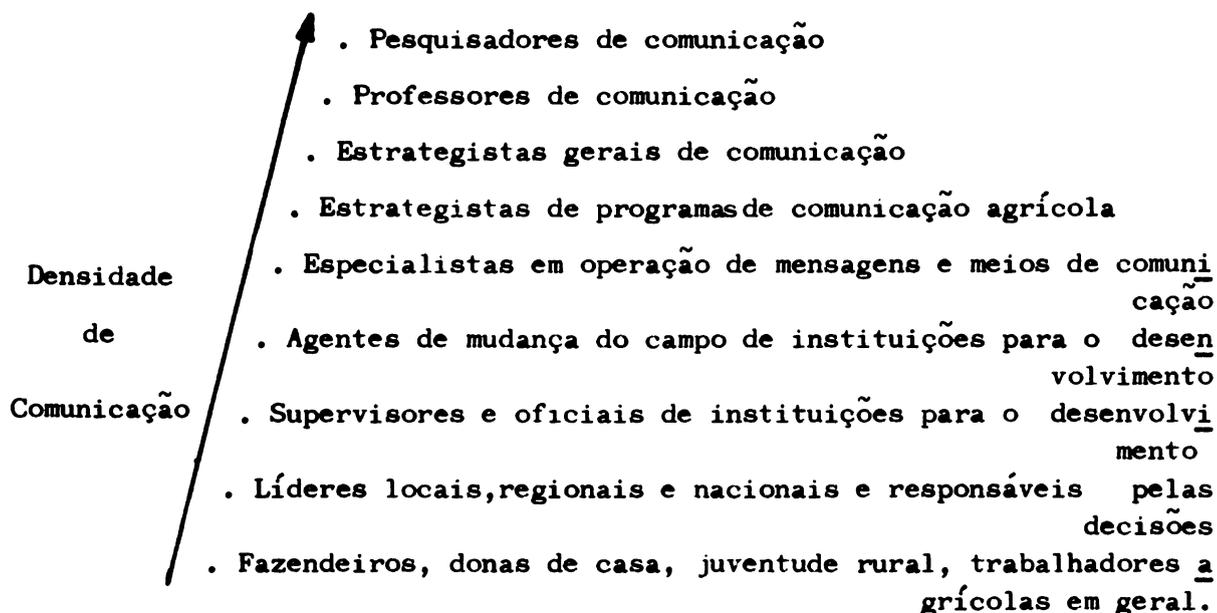
Quais os tipos de operações de aprendizagem que entram na adoção da fórmula de um novo fertilizante? Ou de uma vacina contra brucelose? Ou do plantio em curva de nível? Ou da manutenção da contabilidade diária do agricultor?

O enfoque pedagógico também nos ajudará a refinar o estabelecimento dos objetivos educacionais. Benjamin Bloom preparou uma Taxionomia dos Objetivos Educacionais(35) classificando os resultados do treinamento em 3 categorias : cognitiva,afetiva e psico-motora. Dentro do objetivo cognitivo encontramos dois grandes subgrupos : aumento de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades intelectuais. O segundo subgrupo é ainda dividido em compreensão, análise, síntese e avaliação e estes objetivos são finalmente divididos em metas educacionais mais específicas ainda.

Isto é muito importante porque só podemos selecionar nossos métodos e meios de comunicação se soubermos quais são nossos objetivos. No passado, por exemplo,talvez tenhamos abusado do objetivo "aumento de conhecimentos", sem termos dado muita atenção ao objetivo "desenvolvimento de habilidades intelectuais".

MAIS MASSIVA :

A comunicação, sendo uma função humana natural e um processo social universal,não deveria ser considerada como o patrimônio exclusivo dos seus especialistas. O treinamento em comunicação por conseguinte, deveria ser proporcionado a toda população rural como um meio de alcançar um relacionamento em termos de diálogo. Entretanto, o tipo de treinamento a ser fornecido vai variar com a relativa "densidade de comunicação" das funções preenchidas pelos diferentes grupos. As funções do agente de mudança do campo,por exemplo, apresentam uma densidade de comunicação maior do que a dos fazendeiros. A figura seguinte mostra um conjunto de metas de treinamento selecionadas e ordenadas de acordo com a densidade de comunicação exigida durante o treinamento.



O espírito que norteia esta diretriz é que o treinamento em comunicação tem que ser maciço. Temos que nos libertar das tendências do passado que nos faziam pensar, timidamente, no que diz respeito a planejamento e financiamento da educação e da comunicação, para que então possamos encontrar os dispositivos institucionais, financeiros e técnicos necessários para uma melhoria maciça das potencialidades de comunicação da população rural. Esta política deve variar encorajar o estabelecimento de centros de treinamento regionais e mecanismos de treinamento locais; como também o fornecimento de literatura e de materiais para o treinamento; uma utilização extensiva do rádio e da televisão para o treinamento em grupo e, o mais importante de tudo, sistemas de acompanhamento para aqueles que foram treinados e que agora pretendem utilizar suas técnicas em comunicação recentemente adquiridas.

João Gonçalves de Souza, da OEA, propõe a institucionalização do processo de treinamento da população rural orientado para a mudança:

"Para obter tais resultados de modo mais efetivo e maciço, os países deveriam promover : cursos rurais básicos de extensão para homens, mulheres e crianças, demonstrações básicas, cursos intensivos, reuniões rurais fixas ou ambulantes etc... Tudo isso deveria ser feito no sentido de institucionalizar o programa de trabalho, que deveria ter o caráter de uma atividade contínua e da qual participariam os beneficiários do processo de mudança , tanto homens como mulheres e especialmente os jovens líderes naturais. Os sindicatos de serviços, as associações rurais e as cooperativas agrícolas são meios insubstituíveis para receber e transmitir métodos agrícolas de extensão , o desenvolvimento da comunidade rural e outras técnicas para melhorar as condições de vida e de emprego dos camponeses". (36)

MAIS ORIENTADA PARA A AÇÃO :

Isto nos leva a nossa última diretriz, ou seja, ao fato de que o treinamento em comunicação deveria ser orientado para a ação. Ele deveria ser compreendido como uma parte orgânica de programas de ação para a mudança, dos quais os treinandos são, ou serão os participantes. A competência em comunicação não deveria ser um fim em si mesma, mas apenas um instrumento para objetivos e atividades mais amplos. Já ficou comprovado que a alfabetização, por exemplo, leva ao fracasso e à frustração se a aptidão da leitura não encontra uma aplicação gratificante, em termos de permitir ao novo leitor engajar-se numa ação construtiva.

A orientação para a ação é crucial a nossa era cada vez mais exposta à informação. Segundo Lazarsfeld e Merton (37) :

"Uma exposição constante a este fluxo informativo pode servir para narcotizar o leitor ou ouvinte médio, ao invés de ativá-lo. O cidadão interessado e bem informado pode deleitar-se com sua própria situação de interesse e de informação, sem perceber que ele se está omitindo da decisão e da ação!"

2. PÚBLICOS, OBJETIVOS, CONTEÚDO E MÉTODOS DE TREINAMENTO

Examinemos agora, um por um, os diferentes grupos de público apresentados na página 19, para o treinamento em comunicação.

a. POPULAÇÃO RURAL

Obviamente, se os agricultores e os trabalhadores agrícolas devem ser os agentes principais do seu próprio desenvolvimento - como exige a abordagem de participação para o progresso - eles também deveriam ser as metas principais do treinamento em comunicação. De fato, todos os demais níveis do treinamento deveriam procurar atingir, e bem, este objetivo.

Os objetivos do treinamento para este grupo tão grande e tão variado poderia se resumir da seguinte maneira :

- aumentar a consciência e percepção que a população rural tem de sua situação estrutural e das causas desta, bem como, do seu atraso cultural e sua marginalização social ;
- adquirir aptidões de comunicação que os capacitem a discutir, organizar e revelar suas aspirações e opiniões para o resto da população, sobretudo para os líderes cujas decisões são vitais;
- adquirir um preparo em comunicação que permita participar efetivamente nos níveis sucessivos do processo de planejamento para o desenvolvimento; são eles : análise da realidade, definição de objetivos e diretrizes; formulação e difusão do plano; execução; controle e avaliação ;
- capacitá-los a receber e a transmitir para os outros o conhecimento técnico e as aptidões adquiridas, a fim de fazer da transferência de tecnologia um processo maciço e generalizado.

Esta transferência básica de informação e tecnologia é a chave para um desenvolvimento rural genuíno, especialmente para os países que não possuem meios financeiros para recrutar um número suficiente de agentes de mudança profissionais. 1/. João Gonçalves de Souza, Chefe do Programa de Cooperação Técnica (OAS), chama a atenção para isto quando escreveu : (36)

"Até este momento, a maioria dos países da América Latina, cujas economia e mão-de-obra são predominantemente agrícolas, treinaram seus agentes de mudança em países estrangeiros, com níveis de M.S. e PhD e outros semelhantes. Sem dúvida, até bem pouco tempo, isto representava uma necessidade e uma prioridade; mas nos últimos anos a necessidade de treinar técnicos de nível médio e estender este esforço de treinamento para níveis menos especializados como os dos trabalhadores rurais e suas famílias, têm se tornado evidente. Em outras palavras, muitas áreas rurais da América Latina não têm este elemento básico, sem o qual a pesquisa científica e tecnológica como o conhecimento aplicado a atividades agrícolas e sociais do meio ambiente rural, não atinge a massa de camponeses. Estes, por esta razão, continuam com a sua incapacidade de melhorar seus métodos de trabalho, suas condições de emprego e consequentemente o seu próprio nível de vida e o de sua família".

De acordo com os dois objetivos expressos acima, quais seriam os melhores conteúdos e os melhores métodos?

Plínio de Arruda Sampaio (39) do Programa de Cooperação FAO/BID, anteriormente associado com o ICIRA, no Chile, diz :

1/ A Société d'Aid Technique et Cooperation - SATEC - (Sociedade de Auxílio Técnico e Coopera o) da França, experimentou e com sucesso a incorpora o de agricultores no sistema de extensão agrícola. O esquema utilizado consiste em designar um técnico de nível universitário para supervisionar o trabalho de uns 10 técnicos de nível médio agrícola. Cada um destes técnicos de nível médio agrícola supervisiona o trabalho de uns 10 agricultores regulares recrutados para fazerem um trabalho de extensão durante a esta o em que não trabalham e que recebem o equivalente de um salário de mão-de-obra agrícola. A SATEC descobriu que a comunica o entre os "agricultores extensionistas" e seus companheiros é significativamente superior   comunica o entre os técnicos de nível universitário e os agricultores (38).

"Se estamos tratando da transferência de conhecimento em relação à natureza do processo de mudança, à natureza de suas condições e requerimentos, parece que o melhor método é o de concentrar instrutores e alunos num lugar relativamente afastado (escola, fazendinha etc...), por períodos de 10 dias a um mês.

O afastamento da rotina diária, mais uma interação permanente entre os participantes, a organização e as tarefas da vida coletiva, ajudam a criar uma atmosfera favorável à transmissão de valores e atitudes. Contudo, a experiência com períodos mais longos do que um mês não se mostrou satisfatória, porque parece que um confinamento longo produz um certo cansaço nos participantes, causando problemas de atrito e falta de aprendizagem.

Se o objetivo é transferir o funcionamento de técnicas e operações, parece que o melhor sistema seria o de executar a atividade de treinamento diretamente no próprio local de trabalho, em combinação com as atividades normais".

O ICIRA aplicou estes métodos tanto no treinamento de agricultores, como no de funcionários locais da Companhia de Reforma Agrária. Além disso, o ICIRA tinha um plano inovador de métodos de treinamento através da utilização de televisão, rádio, jornais, filmes. Mencionemos, apenas de maneira breve, algumas de suas técnicas.

T. V.

O escritório central de audio-visual do ICIRA produzirá em video-tape unidades de treinamento sobre técnicas agrícolas, administração, técnicas sociais, etc. Através de 8 equipes de T.V., os tapes serão apresentados para grupos de agricultores nos Consejos Comunaes de Campesinos (Conselhos Comunitários de Camponeses) onde a reação dos agricultores ao conteúdo ministrado será filmado.

Esta realimentação será enviada para o escritório central e em seguida incorporada na unidade original de treinamento. A unidade já revista será enviada de volta para o campo juntamente com uma nova unidade pronta para receber um feedback. Deste modo, cada situação de treinamento incluirá, ao mesmo tempo, a participação dos agricultores e a avaliação dos resultados desta participação.

Outros recursos audio visuais empregados serão: slides sincronizados com uma narrativa e com efeitos sonoros, filmes de tema único, e filmes em geral.

SEMINÁRIOS SOBRE MEIOS GRÁFICOS

Os Consejos Comunales Campesinos (Conselhos Comunitários de Camponeses) serão encorajados a fazer seus próprios quadros murais, cartazes e folhetos. Para este fim, serão organizados seminários onde os membros receberão um treinamento sobre a utilização destes meios, para que daí saiam verdadeiros "jornalistas camponeses" capazes de liderar tudo que for relativo a ativação, comunicação e propaganda.

RÁDIO

O escritório central produzirá 120 programas de rádio para serem irradiados nas redes regionais ou zonais como também nas estações locais.

b. LÍDERES E RESPONSÁVEIS PELAS DECISÕES

Os objetivos do treinamento para este grupo podem ser os seguintes:

- aprender a ouvir a voz do povo;
- introduzir mecanismos institucionais para produzir feedback e diálogo;
- adquirir um preparo em comunicação para atingir o povo de um modo mais democrático e mais pedagógico, sem paternalismo e sem propaganda persuasiva.

É evidente que antes de tentar treinar estes líderes em comunicação eles deveriam ser submetidos a uma etapa inicial de "treinamento sensitivo", no qual eles seriam convidados a aceitar a idéia geral de mudança como sendo a essência do desenvolvimento. Num documento anterior, tentei propor uma experiência deste tipo para que provocasse uma abertura maior na mentalidade dos líderes, tornando-os mais favoráveis em relação à mudança (40).

c. SUPERVISORES E FUNCIONÁRIOS DE INSTITUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

Manteríamos os mesmos objetivos mencionados para o grupo anterior, acrescentando mais um, apenas:

- adquirir um preparo em comunicação para transmitir aos seus superiores, de modo convincente, os problemas, as aspirações e as necessidades do povo.

Este objetivo requer o estudo de canais e técnicas de comunicação infra-institucional, além do estudo dos princípios da comunicação geral.

Plínio de Arruda Sampaio (39) relata os métodos do ICIRA para o treinamento de funcionários locais do governo : "A experiência demonstrou que as discussões em grupo, os seminários, os painéis e todas as outras formas de atividades pedagógicas baseadas no diálogo livre entre os participantes, são superiores ao método expositivo".

d. AGENTES DE MUDANÇA SEDIADOS NO CAMPO

Embora os três grupos anteriores também sejam "agentes de mudança", supomos que os que se ocupam com a extensão agrícola e educação sanitária, como também os promotores da reforma agrária e todos aqueles que estão em contato direto com os agricultores no campo, têm uma "responsabilidade" maior em relação à mudança do que outros. Hernán Carrera (41), economista do IICA no Equador, descreve a situação destas pessoas da seguinte maneira :

"Os profissionais deste nível no meio ambiente rural, são os que recebem a responsabilidade de tornar efetiva a mudança proposta, porque são eles que "aceitam" viver nas áreas rurais. Entretanto, paradoxalmente, eles são os que menos sabem o que deve ser feito, o que devem fazer, como fazer o que eles têm que fazer e como podem saber se o que estão fazendo está certo ou errado".

Por sua parte Francis Byrnes (42) anumeras quais seriam as 5 áreas de competência necessárias para um bom agente de mudança, a saber :

1. competência técnica.
2. competência econômica.
3. competência científica.
4. competência agrícola.
5. competência em comunicação.

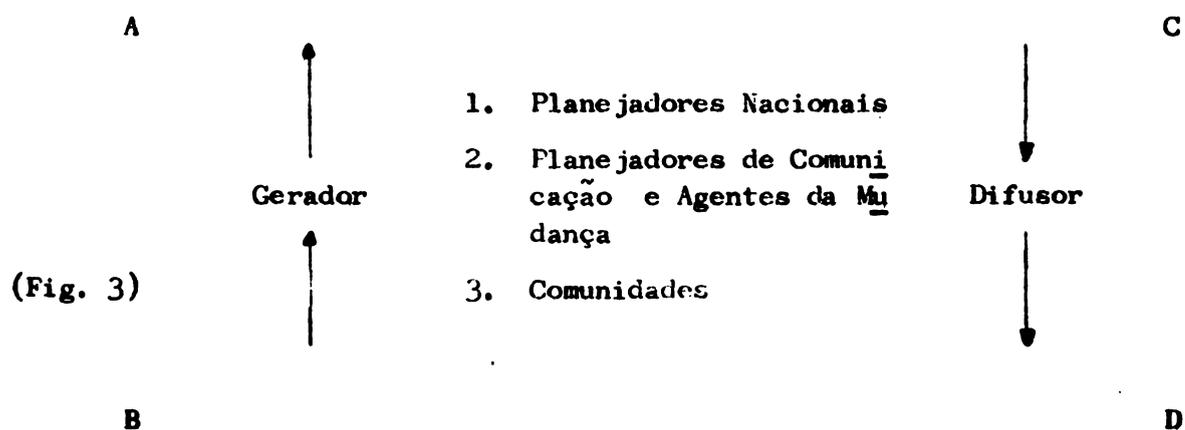
Restringirei minha análise a outros aspectos do treinamento de agentes da mudança que possam ser relevantes. Utilizarei como base as idéias oferecidas por um grupo de colegas e amigos dos quais solicitei a opinião :

"1. Agentes da mudança deveriam ser treinados para serem muito mais receptores do que fontes na sua comunicação com as comunidades rurais; mais colaboradores do que manipuladores.

Fica então subentendido que a habilidade de decodificação destes agentes deveria ser desenvolvida a fim de que eles possam receber adequadamente as necessidades reais e os problemas do povo, dentro de uma genuína comunicação de ida e volta. A imagem atual do comunicador como um "difusionista" deveria ser mudada.

2. O agente da mudança até agora tem funcionado com um canal de informação dos centros de decisão A (veja a figura 3) para as comunidades B. Se este fluxo tradicional for invertido de B para A, o agente da mudança continuará na posição de intermediário, mas desta vez ele terá que persuadir A e não B. Por conseguinte, a mudança não se resume apenas na troca da direção do fluxo, mas acarreta uma transformação mais profunda no próprio sistema de planejamento e, conseqüentemente, no tipo de conhecimento requerido do agente da mudança e do comunicador. Ele necessitará, por exemplo, um conhecimento maior sobre o planejamento do programa.

3. A ação da comunicação deveria ser vista dentro do contexto de subdesenvolvimento da América Latina, e este contexto deve servir de base para o treinamento do agente da mudança. Comunicação para a mudança e não para a manutenção de um "status quo" - isto é o que é preciso. Por conseguinte, o agente da mudança deveria ter noções claras do que vem a ser o subdesenvolvimento, incluindo os problemas rurais face à dominação urbana.



4. Se observarmos a figura 3, veremos que ela apresenta quatro quadrantes: A e B no campo do gerador e C e D no campo do difusor. Para cada quadrante são necessários conhecimentos e preparos específicos. Por exemplo: em D (Comunicador-Comunidades) o agente da mudança necessitará de conhecimento sobre motivação, sobre a utilização de recursos audio-visuais, etc... Em B (Comunidades-Comunicador) ele necessitará métodos de diálogo; em A (Comunicador-Planejadores) ele necessitará de um conceito das teorias de desenvolvimento e dos métodos de planejamento, de programação, etc.,..".

Para Max Reindl, do Chile (44), a participação do agricultor im põe ao agente da mudança a necessidade de ser melhor treinado em Comunicação Intraorganizacional e interinstitucional. As razões que ele apresenta são as seguintes:

"Comumente se dá muita importância a ensinar aos agentes da mudança a se comunicarem com os agricultores, mas nada é feito no sentido de ensiná-los a transmitirem a informação dos agricultores para as instituições que os agentes representam. O resultado é que os agentes da mudança não têm habilidades para relatar os problemas rurais para a estrutura organizacional a qual pertencem, como também para a estrutura da comunicação interinstitucional".

Hernán Carrera (41) apresenta duas idéias interessantes : a necessidade de treinar promotores e a necessidade de treinar tipos de comunicadores mais especializados.

PROMOTORES :

Além da promoção geral da idéia da mudança e desenvolvimento, Carrera acha que promotores especiais deveriam ser treinados para fazer com que o povo pense sobre os diferentes aspectos do desenvolvimento e os discutisse:

"Nós poderíamos pensar na promoção de mudanças estruturais e de formas de produção associativas como as que foram criadas pela Reforma Agrária; poderíamos pensar na promoção da organização dos camponeses, na associação dos usuários dos serviços do Estado; em promotores da colonização; dos aumentos da produção e da diversificação da colheita; em promotores de mudanças na estrutura do consumo programada para aumentar a demanda de produtos estratégicos que acelerarão o desenvolvimento do setor agrícola; e em promotores de programas sociais como educação, saúde, habitação e desenvolvimento da comunidade".

TIPOS DE COMUNICADORES MAIS ESPECIALIZADOS :

Para agentes da mudança localizados em posições centrais nas instituições para o desenvolvimento, Carrera propõe a criação de novas especializações no campo da comunicação, a saber :

- metodologia de treinamento para o pessoal.
- comunicação intraorganizacional e interinstitucional.
- comunicação institucional externa.
- documentação científica e técnica.

Embora grande parte de comunicadores atuais bem treinados possa, com um esforço concentrado, dominar estes campos específicos, é bem verdade que as instituições de treinamento, raramente, desenvolvem currículos específicos para cobrirem de modo adequado estas áreas mencionadas por Carrera e outras mais igualmente necessárias.

Outra idéia bastante válida que foi enviada para o autor pelo Dr. Hernando Bertoni (45), Ministro da Agricultura do Paraguai, se refere à situação bilingual.

"Precisamos levar em consideração o fato de que o público rural nos nossos países compreende muito melhor as mensagens se elas são faladas (ou escritas) na língua nativa (Guarani no Paraguai). Por conseguinte, seu treinamento deveria ser dirigido por professores que tenham o conhecimento não só das línguas nativas mas, também, do meio ambiente no qual os agentes da mudança terão que atuar".

O Dr. Bertoni também declara que "é necessário que os agentes da mudança sejam treinados para serem capazes de tomar iniciativas e decisões nas oportunidades que se ofereçam". Esta última condição requer uma prática realista na resolução de problemas e nas decisões tomadas pelos treinandos.

Podemos resumir esta parte do treinamento de agentes da mudança com um lembrete que recebemos de Thomas J. Burke (46) diretor do centro de treinamento da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, em Campinas :

"O ponto fundamental, tanto no nível das organizações incumbidas de promover a mudança, quanto no nível dos próprios agentes da mudança, existe consciência de que a natureza do trabalho do agente da mudança é eminente educacional".

"Educativa" para Burke significa que :

"Cada agente da mudança precisa estar completamente consciente de que o seu papel social consiste em provocar o processo da mudança e mantê-lo em andamento, processo este que tem sempre seu ponto inicial no próprio agricultor, através do incentivo das suas potencialidades, visando a modificação do seu relacionamento consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente onde ele vive".

Se estes são os requisitos, como e onde os agentes da mudança deveriam ser preparados para a sua tão difícil missão?

A maioria das pessoas consultadas parece concordar com o fato de que os agentes da mudança deveriam ser treinados num nível universitário. Algumas delas sugeriram a introdução de disciplinas de comunicação e/ou de extensão dentro do currículo da carreira escolhida, tais como: agronomia, medicina, veterinária, economia, sociologia, economia doméstica, etc. Outros acham que dever-se-ia oferecer cursos curtos para profissionais ligados à promoção de mudanças, a fim de dar a eles um conhecimento maior da ciência do comportamento e também uma maior habilidade no que tange a planejamento e comunicação.

Um terceiro grupo de pessoas, ainda, sugeriu uma especialização na área de Extensão e de Comunicação a ser feita no último ano ou semestre de Agronomia, Veterinária e outras ciências agrárias.

Parece existir uma unanimidade na rejeição de uma carreira universitária especial para preparar os agentes da mudança.

Diz Mario Yuri Izquierdo, especialista em Cooperativas da Organização dos Estados Americanos :

"Sobre as alternativas que você mencionou, eu eliminaria em princípio os estudos universitários (em comunicação) de nível profissional porque embora eles não devam existir por si mesmos como uma profissão, eles precisam formar parte dos currículos regulares das diferentes carreiras relacionadas com o campo social". (47)

Chega então a minha vez de questionar todas estas opiniões.

Porque não pode ser possível e desejável termos alunos preparados em universidades com o objetivo específico de se tornarem agentes da mudança? Estes agentes rurais da mudança não são os educadores informais das massas? Não são os professores preparados durante 4 anos para se tornarem educadores? O processo da mudança não é suficientemente complexo, sério e dispendioso para merecer um profissional completamente preparado, que estudaria durante 4 ou 5 anos o modo de ajudar o povo a realizar um dos processos mais crucial e difíceis da nossa história, que é o processo da mudança de crenças, atitudes, valores, de comportamento, de instituições e de estruturas sociais, para alcançar um desenvolvimento nacional sólido e uniforme? Por que não pensar em currículos específicos para a formação de agentes da mudança, sejam eles agrícolas, da saúde pública, veterinários, do desenvolvimento da comunidade, da estrutura agrária e das instituições rurais?

Não deve ser difícil planejar um ciclo básico através do qual todos os futuros agentes da mudança passarão seguido por um ciclo específico no qual os agentes se especializariam de acordo com o seu campo ou com a sua atividade. Se por acaso, estes alunos coincidirem com os alunos de agronomia, de veterinária etc..., em diversos cursos relacionados com a área técnica, isto será apenas um problema administrativo. Agora que o currículo flexível está sendo difundido em nossos países, a porta está aberta para novas carreiras, necessárias ao desenvolvimento latino-americano.

A questão é decidir se continuaremos a fazer da preparação dos agentes da mudança apenas uma proposição suplementar com toda a superficialidade e a falta de competência que virão em consequência ou se feremos dela uma opção inteiramente profissional e acadêmica. Na minha opinião, a razão mais convincente para a idéia da carreira de um agente da mudança é o nosso novo

conceito de mudança participativa. Quando a comunicação era vista como uma manipulação de mensagem, dos meios e do povo, um breve curso era o suficiente. Atualmente, se desejamos nos engajar numa genuína educação de massas, feita de um modo interdisciplinar e sistêmico, necessitamos estudar muito mais sobre a relação entre a comunicação e a mudança do homem.

e. ESTRATEGISTAS GERAIS DE COMUNICAÇÃO RURAL

Grande parte dos dilemas suscitados pelo treinamento dos agentes da mudança também surgem quando se pensa no treinamento de comunicadores que trabalharão bem no alto das hierarquias organizacionais.

Entretanto, parece que a opinião é unânime em favor de um nível de pós-graduação para a preparação deles. Os professores e os pesquisadores de comunicação também serão formados neste nível. (Fig. 2). A opinião geral também é unânime quanto a necessidade da realização do treinamento de pós-graduação na própria América Latina.

Acontece, porém, que em toda a América Latina, existe apenas uma universidade oferecendo cursos de pós-graduação em comunicação rural, que é a universidade de Chapingo, no México.

Outro programa existente, estabelecido em 1967, na Universidade Agrária de la Molina, ficou interrompido por falta de apoio da universidade e do IICA (48).

Tenho a satisfação de anunciar, entretanto, que a Universidade de Brasília está planejando começar um curso de Comunicação para o Desenvolvimento com o nível de M.S., em agosto de 1974.

Espero que o programa de Brasília saiba evitar os erros cometidos em La Molina e que os estrategistas em comunicação e os educadores de massas necessários sejam preparados. Para atingir este objetivo algumas considerações podem ser feitas:

1. Se a orientação dada for realmente estrutural, sistêmica, dirigida para os problemas, interdisciplinar, pedagógica e dirigida para a ação, o currículo, os métodos e a administração do programa deveriam ser preparados a fim de que os alunos sejam formados em um meio ambiente educativo, no qual eles aprenderiam estas orientações.

O que significa isto na prática?

O conteúdo do currículo deveria ser estruturado na forma de módulos integrados ou interdisciplinares, ao invés de o serem na forma de disciplinas separadas e autônomas. Por exemplo, um módulo de subdesenvolvimento e de desenvolvimento pode consistir do espectro total de fatores que determinam o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Isto incluiria ângulos sociológicos, econômicos, psicológicos, culturais e históricos, que deveriam ser estudados como a complexa "gestalt" que são e, também, em relação com "gestalts" mais amplas, tais como, a estrutura do poder internacional, as forças do mercado internacional, etc... Outro módulo curricular poderia ser, por exemplo, a linguagem não verbal dos camponeses. Neste módulo, os professores das diferentes disciplinas aí relacionadas discutiriam com os alunos os sinais não verbais usados por eles para as transações econômicas, para uma conversa técnica, etc... e ainda o background perceptual, cultural e sociológico para estes signos, e para a seu significado.

2. A seleção de módulos integrados para compor o currículo de pós-graduação deveria ser feito em base do produto final, isto é, do que se espera de um estrategista em comunicação para o desenvolvimento rural. Os currículos não deveriam mais ser feitos com base nas disciplinas tradicionais e no seu conteúdo de conhecimento.

Em outras palavras, o programa deveria fazer uma lista dos comportamentos finais desejados para os alunos no término de suas carreiras, em termos de operações que eles têm que executar competentemente. Se, por exemplo, uma destas operações fosse : avaliar a influência da televisão nas audiências rurais deveria haver no currículo um módulo integrado no qual o aluno aprenderia os diferentes aspectos da Televisão, tais como :

- a. as intenções da fonte.
- b. as estruturas objetivas de comunicação da mensagem da T.V.
- c. as possíveis reações do público em relação a a e a b.
- d. os melhores instrumentos para avaliação de efeitos, etc. (49)

Como podemos ver neste esquema, o conhecimento é tratado apenas como um meio para atingir comportamentos operacionais. Por isso, o currículo é montado na base dos serviços profissionais que serão prestados, e, não em todo o conhecimento acumulado no campo já tão vasto da comunicação.

3. Este enfoque da montagem do currículo pode parecer, para alguns, pragmática demais. Entretanto, a necessidade de se economizar um conhecimento supérfluo deveria ser compensada pela necessidade de se estudar, com a profundidade teórica adequada, aqueles conhecimentos que são considerados indispensáveis.

A necessidade de estabelecer objetivos profissionais bem concretos para os estudos, eu a aprendi por experiência própria. Por exemplo : Meu programa de estudos de comunicação no Estados Unidos cubria, da maneira mais superficial possível, temas como :

Teoria e métodos de aprendizagem.

Teoria dos signos (semiologia).

Teoria da Informação.

Comunicação Institucional.

Teoria de sistemas.

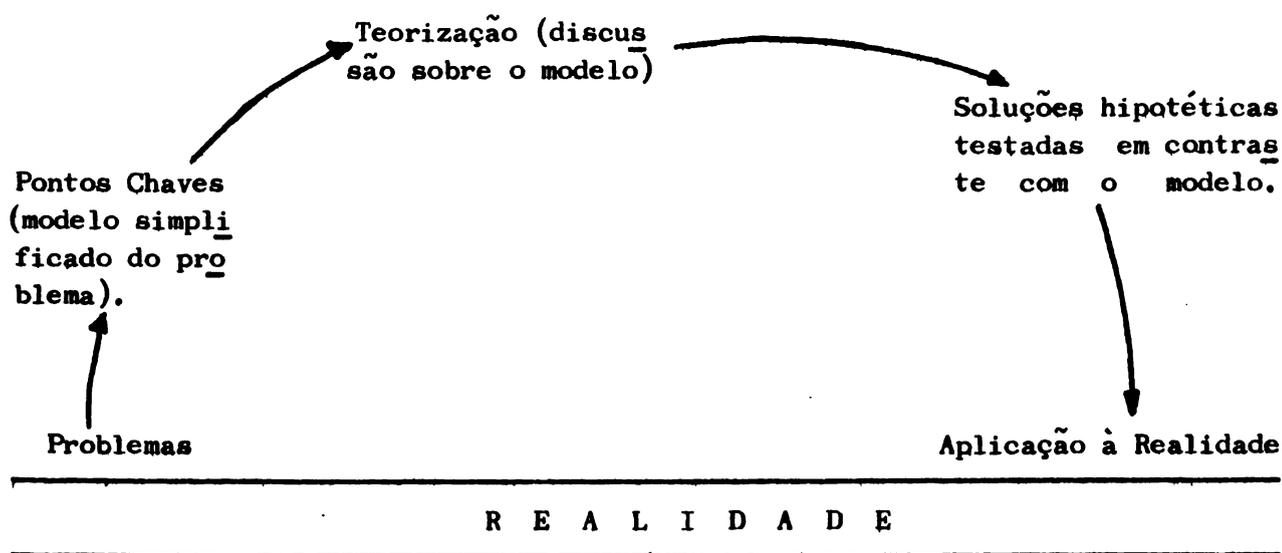
Teoria e métodos do planejamento.

Temas estes, pertencentes a áreas de conhecimento que muito necessitei depois da pós-graduação.

Esta deficiência pode ser atribuída na minha opinião, ao fato de que nem eu como estudante, nem a faculdade, tínhamos objetivos definidos em termos de competência operacional para os estudantes de pós-graduação em comunicação. Poder-se-ia argumentar que cabe ao estudante decidir sobre isto. Isto, porém, pode ser certo nos Estados Unidos onde as universidades podem oferecer cursos de pós-graduação com uma larga faixa de opções. Entretanto, este luxo não pode ser oferecido nos países em vias de desenvolvimento, onde precisamos restringir nossos objetivos e trabalhá-los intensamente.

Se o nosso objetivo é formar um estrategista para o desenvolvimento rural com participação, por exemplo, temos que aprofundar os módulos curriculares escolhidos visando as competências finais pertinentes a um estrategista em comunicação. Evidentemente, se posteriormente ampliássemos nosso objetivo a fim de preparar também pessoal para os centros de informação e documentação, teríamos então que estruturar outras séries de módulos curriculares.

4. As aulas deveriam ser assistidas por tantos professores quanto fosse considerado relevante, no que diz respeito aos diferentes ângulos do módulo curricular a ser aplicado. O método do desenvolvimento da aula deveria seguir o esquema do arco, concentrado em problemas, que foi sugerido por Charles Maguerez (50)



Neste esquema os problemas são apresentados aos alunos pelo professor ou são trazidos por eles para a aula. Os alunos são solicitados em primeiro lugar a descreverem suas experiências e idéias sobre o problema e em seguida a destacarem os pontos chaves do mesmo. Deste modo eles chegam a um modelo simplificado do problema para daí então procurar uma explicação para as variáveis chaves e a relação entre elas. Ao procurarem esta explicação eles apelam para a teoria, para resultados de pesquisa, etc..., tarefa da qual o professor participa fornecendo uma orientação através de perguntas norteadoras. Da teoria e dos resultados de pesquisas prévias, os alunos extraem soluções possíveis, algumas das quais são por demais ousadas para serem aceitáveis dentro do esquema do modelo.

As soluções finais viáveis são, então, aplicadas pelos alunos à Realidade.

O processo total acarreta planejamento e tomada de decisões e requer uma aplicação constante de dinâmica de grupo, pesquisa em bibliotecas, consultas externas e projetos de pesquisa simples. Neste esquema os recursos visuais não são mais instrumentos de transmissão manipulados pelo professor, mas sim dispositivos utilizados pelos alunos para compreenderem o problema e o debaterem. Sempre que uma grande quantidade de informação factual tem que ser absorvida pelos alunos, a instrução programada ou outros dispositivos devem ser empregados a fim de poupar o trabalho do professor para tarefas mais importantes do que o simples papel de um transmissor de informação.

5. O programa de pós-graduação deveria manter um contato estreito e constante com a realidade fora da Universidade. Na América Latina, alunos graduados em Comunicação podem ter todos os tipos de instituições como laboratórios nos quais podem trabalhar e aprender. Tomando o Brasil como um exemplo, a A B C A R, Organização Nacional de Extensão, está tentando implantar 16 uni

dades de planejamento estaduais e cada uma delas com um estrategista em programas de comunicação. O I N C R A, Organização de Reforma Agrária e Colonização, tem se preocupado porque sua rede interna de comunicação não está funcionando eficientemente. O Ministro da Agricultura está reestruturando sua organização de pesquisa sob a forma de uma empresa moderna e autônoma, apresentando um enfoque dinâmico em relação às pesquisas biológicas, tecnológicas e sócio-econômicas; para tanto, ele necessitará de estrategistas em comunicação para dirigirem a difusão tecnológica e os fluxos internos de informação. O programa de pós-graduação em Comunicação deveria assinar acordos com estas e com outras organizações visando obter estágios de prática para seus alunos.

6. Um dos perigos que um programa de pós-graduação para o desenvolvimento deveria evitar é o de enfatizar demais o Desenvolvimento em detrimento da Comunicação, pois isto leva, fatalmente, à incompetência profissional. Não podemos esquecer que embora existam muitos especialistas no campo do Desenvolvimento, somente especialistas em comunicação dominam a ciência e a arte do signo e do símbolo e a relação que eles têm com o pensamento do homem, com o seu sentimento e com seu comportamento. Embora possamos estudar a Estratificação Social e a Antropologia Cultural, precisamos estudar de maneira mais profunda ainda a Semiologia e a Psicologia da Percepção, Motivação e Aprendizagem - isto porque este é o nosso metier, nosso campo específico de contribuição.

Dois exemplos concretos tirados de minha experiência justificam a posição descrita acima :

a. Como conselheiro do Serviço de Comunicação Rural do Estado de São Paulo, recomendei que todos os materiais de comunicação deveriam ser testados previamente, antes de serem distribuídos aos agricultores. Os resultados dos primeiros testes demonstraram que os comunicadores precisavam saber mais sobre os modos de percepção e aprendizagem da população rural. Quando um folheto sobre o controle da brucelose foi testado, verificou-se que :

- . a maioria dos agricultores não manuseia os folhetos como se espera, isto é, da 1ª à última página. Eles começam a ler pelo que lhes chamou a atenção;
- . eles não seguiam a sequência de ilustrações desejada indicada por setas e números, mas pulavam de ilustração em ilustração, de um modo completamente arbitrário, de acordo com a atração relativa às figuras;
- . eles tinham uma tendência a ignorar os sub-títulos no texto;

- . eles interpretavam os desenhos literalmente : só porque um desenho de uma vaca e de um bezerro tinha um forte contraste de preto e branco, eles disseram : "Deve ter havido uma seca muito séria; o sol deve ter sido muito forte. Existe muito pouca grama, e é por isso que os animais ficam doentes", Aparentemente o artista se preocupou em desenhar a vaca e não prestou atenção na qualidade da grama que desenhou para representar a pastagem. Mas para o agricultor esta é uma preocupação séria;
- . eles tinham uma grande dificuldade em ler palavras cortadas no final de uma linha e continuadas na linha seguinte;
- . eles também tinham dificuldade em relacionar o texto com a ilustração correspondente, especialmente quando a posição relativa dos mesmos mudava;
- . quando uma cor era utilizada como um código para indicar alguma coisa, como o vermelho para representar a "infecção de brucelose" os agricultores tinham a tendência de interpretar tudo o que fosse vermelho como sendo uma infecção de brucelose;
- . símbolos abstratos eram raramente compreendidos. Por exemplo, ao traçar uma cruz sobre o objeto para indicar que ele foi "eliminado" a maioria dos fazendeiros não entendia o que estava sendo indicado.

b. Outro exemplo : O alto grau de compreensão dos camponeses em relação a materiais literários, românticos e fantasiosos tem surpreendido muita gente. Eu me refiro particularmente aos populares "folhetos" do Nordeste Brasileiro. São livretos baratos, escritos em verso, algumas vezes de 24 páginas, sobre os temas mais fantásticos tais como crimes misteriosos, revoltas sociais e aventuras românticas.

As palavras usadas nos versos não tem nada de simples; os "folhetos" não seguem nossos critérios racionais para a redação simplificada, que recomendam palavras simples, significação concreta, frases curtas, estrutura direta das frases e outras receitas do tipo Flesch. Mas eles "comunicam"! Os camponeses não só compreendem as estórias como também as memorizam e as repetem para seus amigos e parentes que são analfabetos.

Isto entra na denominação geral de "folk comunicação", Não deve ríamos estudar seriamente os padrões de codificação e decodificação das populações rurais?

Estes dois exemplos mostram que o treinamento de nível de pós-graduação deveria preparar especialistas em comunicação com um amplo conhecimento sobre "desenvolvimento", e não generalistas do desenvolvimento, com um conhecimento superficial de comunicação.

RESUMO DA PARTE III

Esta parte discutiu as diretrizes para o treinamento em comunicação, bem como seus possíveis públicos, objetivos, conteúdos e métodos. As diretrizes evidenciaram que, para um treinamento em comunicação há uma necessidade de enfoques mais estruturais, mais sistêmicos, mais dirigidos para os problemas, devendo também ser mais interdisciplinares, pedagógicos, massivos e mais dirigidos para a ação. Os públicos do treinamento se distribuíram em diversos níveis cuja capacitação foi considerada vital para a próxima década de desenvolvimento.

Os objetivos foram colocados no sentido de uma participação rural nas atividades de planejamento e de execução do desenvolvimento, sob a forma de um diálogo.

Diversos argumentos foram apresentados em favor da profissionalização da carreira de Agentes da Mudança Rural em nível universitário.

Foi recomendada, sob determinadas condições curriculares e metodológicas, a formação de estrategistas em comunicação, de professores e de pesquisadores, em nível de pós-graduação, nas universidades da América Latina. A utilização de "módulos curriculares integrados" foi sugerida para que assim se obtivesse uma verdadeira integração interdisciplinar em volta dos núcleos de conhecimento requerido pelos objetivos do treinamento. Em relação aos métodos, o autor recomendou um esquema baseado em problemas; trata-se de um esquema que requer uma participação bem ativa por parte do aluno, porque este é obrigado a "problematizar" a realidade, teorizá-la e chegar a soluções adequadas para as condições específicas dos países subdesenvolvidos.

B I B L I O G R A F I A

- (1) Beltrán, Luis Raniro. La formación de especialistas en comunicación. In "La Comunicación en el Desarrollo Económico", Informe del Seminario sobre el tema, Santiago, Chile, Octubre 26631, 1964. p 88 - 100.
- (2) Rogers, Everett. The Diffusion of Innovations, Glencoe, III. Free Press , 1962.
- (3) Bohlen, Joseph and George Beal. The social action process. IICA , ADECO Course, 1960.
- (4) Spicer, Edward. Human Problems in Technological Change, New York. Russel Sage Foundation, 1957
- (5) Berlo, David K. Speech at Fort Collins, Colorado, August 1958. In Lecturas de Consulta, ADECO Course, IICA, 1960.
- (6) Schramm, Wilbur. Mass Media and National Development. Stanford University Press, 1964.
- (7) IICA/AIA/Ministry of Agriculture, Santiago, Chile. Relatorio do Seminario sobre "Comunicação no Desenvolvimento Economico", October, 1964 page 9.
- (8) Myren, Delbert T. The Role of Information in Farm Decisions under Conditions of High Risk and Uncertainty. In Proceedings of the First Inter-American Research Symposium on the Role of Communication in Agricultural Development, Mexico City, October, 5613, 1964, pp. 94-100.
- (9) Díaz Bordenave, Juan. The search for instrumental information among farmers of the Brazilian Northeast. Tese de PhD não publicada , Michigan State University, 1966.
- (10) Gruning, James. Information and the economic decision-making process of Colombian peasants. Paper submitted to the International Communication Division, Association for Education in Journalism, for presentation at the August 1969 Convention, Berkely, California.
- (11) Dias, Marco Antonio Rodrigues. Le Contrôle Social dans la Presse Brésilienne. Institute Français de Presse de l'Université de Paris . Mars 1968.

- (12) Roca, Luis. Los intereses económicos y la orientación de noticias sobre el movimiento campesino. Campeño 1 (1): 37-52. 1969 .
- (13) Mattelart, Armando. Estructura del poder informativo y dependencia. Cuadernos del Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN). Santiago, Chile, Nº 3: 37-76, 1970.
- (14) CIMMYT, Mexico. El Proyecto Puebla, 1967-1969.
- (15) Freire, Paulo. Extensión o Comunicación? Santiago, Chile, ICIRA, 1969, 76 p.
- (16) Rogers, Carl. Freedom to Learn. Charles Merril Publishing, Co, Columbus, Ohio, 1969.
- (17) Piaget, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura. 1961. 4a. edição.
- (18) Beltrán, Luis Ramiro. La problemática de la comunicación para el desarrollo rural en América Latina. Reunión Anual de la Asociación Interamericana de Bibliotecarios y Documentalistas Agrícolas, Buenos Aires, Abril 10-14, 1972.
- (19) Funes, Santiago et al. Proyecto de Comunicaciones ICIRA, 1971-1972, Santiago, Chile, 1972. 60 p.
- (20) Ministerio de Agricultura, Perú. Plan Nacional de Comunicación Agraria 1972. Lima, Oficina de Información Técnica. 110 p,
- (21) Souza, João Ribeiro de. Projeto Piauí, Um Modelo Brasileiro de Desenvolvimento Intefrale Participativo. Teresina (Piauí), Projeto Piauí, 1971.
- (22) Schatan, Jacob. El problema del desempleo agrícola en América Latina. Trabalho apresentado no Seminario sobre la Marginalidad en América Latina. Santiago, Chile, Nov. 23-27, 1970.
- (23) Adams, Richard et al. Cambios Sociales en América Latina. Mexico. Libreros Mexicanos Unidos, 1965.
- (24) Erasmus, Charles J. Man Takes Control. University of Minnesota Press, 1961.

- (25) Díaz Bordenave, Juan. La radio y la televisión en la educación de las masas. IICA, Public. Miscelaneas N° 39, 1966.
- (26) Beltrán, Luis Ramiro. Radio-forum y radio-escuelas rurales en la educación para el desarrollo. IICA, Materiales de Enseñanza de Comunicación, N° 25, 1971. 58 p.
- (27) Bernal Alarcón, Hernando. Educación fundamental integral y medios de comunicación social, Bogotá. Acción Cultural Popular, 1971.
- (28) Carvalho, Horacio Martins de. Comunicação e Processo de Planejamento, Brasília, June 1972, trabalho não publicado.
- (29) Havelock, Ronald G. Planning for Innovation Through Dissemination and Utilization of Knowledge. Ann Arbor, The University of Michigan, Institute for Social Research, July 1971.
- (30) Axinn, George, A Strategy of Institution Building. Paper presented at the Center for Economic Development and Administration Conference on Institution Building and Development Tribhuvan University, Katmandu, Nepal, June 1971.
- (31) Woods Thomas and Judith G. Fender (editors). Proceeding of the Conference on Institution Building and Technical Assistance, Washington D.C. Dec. 4-5, 1969.
- (32) Smart, Lyman, F. (editor). Proceedings of the Regional Conference on Institution Building. Logan, Utah State University, August 17-21, 1970.
- (33) Schuh, Edward. Pesquisa sobre o Desenvolvimento Agrícola no Brasil, Brasília, Ministerio da Agricultura, 1970.
- (34) Gagné, Robert. The Conditions of Learning, Holt, Rinehart and Winston 1965.
- (35) Bloom, Benjamin (editor). Taxonomy of Educational Objectives, New York, David McKay Co. 1965.
- (36) Souza, João Gonçalves de. Carta pessoal ao autor.
- (37) Lazarsfeld, Paul and Robert K. Merton. Comunicación de masas, gusto popular y acción social organizada, in MacDonal et la. La industria de la cultura, Madrid, Alberto Corazón, p. 254-6.

—

- (38) Feragut, Caste. Un sistema de extensión agrícola orientado al incremento acelerado de la productividad. Desarrollo Rural en las Américas, Vol.II N° 2, Agosto 1970.
- (39) Sampaio, Plinio de Arruda, Carta pessoal ao autor.
- (40) Díaz Bordenave, Juan. Bases tentativas para un curso sobre la idea del cambio. Paper presented at the meeting of the Asociación Latinoamericana de Fitotecnica, en Bogotá. Nov. 22-28, 1970.
- (41) Carrera Andrade, Hernán, Carta pessoal ao autor.
- (42) Byrnes, Francis C. and Kerry J. Byrnes. Agricultural Extension and Education in Developing Countries. Chapter B.9. of the Book Rural Development in a Changing World, edited by Raanan Weitz , for MIT Press. May 1969.
- (43) Ramos, Educardo. IICA-CIRA, Memorando al autor, Abril 1972.
- (44) Reindl, Max. Carta pessoal ao autor.
- (45) Bertoni, Hernando. Carta pessoal ao autor.
- (46) Burke, Thomas Joseph. Carta pessoal ao autor.
- (47) Yuri, Izquierdo, Mario. Carta pessoal ao autor.
- (48) Salinas, Luis. IICA memorando al autor, mayo 1972.
- (49) Eco, Umberto. Para una indagación semiológica del mensaje televisivo. En Umberto Eco et al. Los Efectos de las Comunicaciones de Masas, Editorial Jorge Alvarez, Buenos Aires, 1963.
- (50) Maguerez, Charles. Elementos para uma pedagogia de massa na assistência técnica agrícola. Relatório de assessoria prestada à Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, Secretaria da Agricultura de São Paulo, Campinas, 1970.

TREINAMENTO DE PESSOAL EM COMUNICAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO RURAL

O desenvolvimento rural comporta diversos ingredientes. Alguns são de natureza material como produtos, máquinas, armazens e estradas. Entretanto, o ingrediente principal é o Agente Humano com seu desejo de mudança e de progresso, seu conhecimento sobre o que fazer e sua ação perseverante, seja individual ou em grupo. Podemos legitimamente afirmar que muitas das decisões positivas feitas a nível de indivíduo ou grupo constituem a verdadeira mola do desenvolvimento.

Desde que as decisões individuais e grupais são tão importantes, o papel do pessoal na tarefa do desenvolvimento rural parece claro, ou seja : inspirar, orientar e facilitar a tomada de decisões adequadas nas horas certas. Como pode ser isto alcançado? O pessoal envolvido no desenvolvimento comunitário pode influenciar as decisões das comunidades de várias formas:

- ajudando-as a entender a situação em que estão inseridas, tornando-as conscientes de seus limites e potencial;
- ajudando-as, através de treinamento, a desenvolver habilidades para a resolução de problemas;
- demonstrando as vantagens dos novos métodos desenvolvidos pela ciência e a tecnologia;
- orientando seus esforços através de incentivos fiscais, fornecimento de recursos, legislação, etc.;
- construindo uma infraestrutura favorável de preços, mercados, estradas, armazéns, estoques, etc.;
- mantendo-as bem informadas de todos os fatos necessários para a tomada de decisões (informações sobre preço e mercado, previsão de tempo e colheita).

Esta lista, mesmo incompleta demonstra a importância do treinamento adequado de pessoal em comunicação para o desenvolvimento rural: com a exceção da criação de uma boa infraestrutura de produção e de mercado, tudo o mais que diz respeito a promoção do desenvolvimento parece consistir em entender, consultar e cooperar com a população rural. Em outras palavras, COMUNICAR.

Provavelmente, por esta mesma razão, a análise do sucesso ou insucesso dos programas de desenvolvimento rural frequentemente incide na identificação dos sucessos ou falhas na comunicação. Portanto, com o fim de propor novas perspectivas para treinamento em comunicação de pessoal para desenvolvimento rural, é necessário verificar como este problema tem sido abordado ao decorrer destes anos.

ORIENTAÇÃO UNILATERAL VERSUS ORIENTAÇÃO EQUILIBRADA NA COMUNICAÇÃO

Definimos "orientação para comunicação" como a forma pela qual os diferentes elementos do processo de comunicação são tratados pelo pessoal encarregado do programa de desenvolvimento rural. A seguinte tipologia pode contribuir para identificar as consequências negativas quando um único elemento do processo é enfatizado, não ocorrendo, portanto, uma abordagem global e equilibrada, na qual todos os elementos são considerados.

a) ORIENTAÇÃO PARA O CONTEÚDO

CONSEQUENCIAS NEGATIVAS

A meta principal é comunicar um conteúdo considerado de grande valor. Com o fim de resguardar a integridade deste conteúdo (p. ex. resultados de uma pesquisa científica), um conjunto de dados é apresentado, a validade científica e a precisão técnica dos conceitos é verificada, e finalmente o conteúdo é transmitido para alguns indivíduos selecionados.

As mensagens quando muito densas e detalhadas tendem a tornar-se obscuras e monótonas. Muitas informações, potencialmente úteis para muitos, não são transmitidas. Muitos problemas continuam sem solução.

b) ORIENTAÇÃO PARA A CODIFICAÇÃO

A ênfase é colocada na apresentação do material em termos gramaticalmente corretos, vocábulos técnicos adequados, imagens artísticas e símbolos gráficos perfeitos.

Os códigos próprios do receptor são frequentemente ignorados. As mensagens podem estar corretas sob o ponto de vista técnico, mas não são compreendidas; pouca atenção é dada ao "feed-back" do receptor. O agente está tão convencido de que expressou sua idéia corretamente que o chocaria saber que foi mal entendido.

c) ORIENTAÇÃO PARA OS MEIOS

A preocupação principal é utilizar os canais adequados, os "media" mais poderosos para transmitir mensagens rápida e eficientemente para grande número de pessoas. O pessoal procura usar os equipamentos modernos e gosta de organizar campanhas de "multi-media" incluindo cartazes, folhetos, rádio, jornais e até televisão.

d) ORIENTAÇÃO PARA A FONTE

Os agentes e suas instituições são a MENSAGEM; páginas e páginas são preenchidas com o que o Diretor pensa, diz e faz. Um agente individual pode estar também "orientado para a fonte" quando utiliza sua autoridade moral e simpatia pessoal para persuadir. Ou, por outro lado, quando super-valoriza seu próprio conhecimento e recusa-se ao diálogo porque: "nada tem a aprender com os outros".

e) ORIENTAÇÃO PARA O RECEPTOR

A preocupação concentra-se de tal forma em ajudar às pessoas que o pessoal perde a objetividade e ignora os aspectos técnicos do planejamento do programa e do uso adequado dos meios e mensagens. (Entretanto, não é necessária muita preocupação com este fato, desde que raramente ocorre).

CONSEQUENCIAS NEGATIVAS

A relevância e precisão do conteúdo é subestimada. As necessidades dos receptores são estudadas superficialmente e os problemas reais não são considerados nas mensagens. A mania de novos equipamentos cega os agentes para os aspectos mais sutis e humanos do diálogo e da interação.

O receptor é visto simplesmente como um meio para atingir um fim - isto é, o prestígio da fonte. A comunicação torna-se autocrática e diretiva.

Excesso de idealismo e boa vontade em relação ao receptor, pode resultar em um programa de comunicação paternalista ineficiente.

f) ORIENTAÇÃO PARA OS EFEITOS

As pessoas, sob pressão de um ambicioso plano de desenvolvimento, ficam tão ansiosas em obter resultados no incremento da produção, no cumprimento das quotas, nas práticas adotadas, que equiparam a comunicação com persuasão e aplicam métodos de propaganda comercial ao que deveria ser considerado uma tarefa educacional.

CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS

O receptor é considerado nada mais do que um agente produtor. Ele é persuadido a todo custo em adotar as inovações recomendadas pelos Técnicos. A comunicação torna-se um canal vertical de apelos promocionais e instrução técnica. Os aspectos humanos e sociais das vidas dos receptores não estão incluídos nos cálculos de custo/benefício dos Tecócratas obsessos pela obtenção de efeitos. Se tais aspectos estão incluídos, é somente para saber "ONDE CAUSAR O IMPACTO" tal como faz a propaganda na "pesquisa de motivação". É impossível qualquer diálogo em tais condições.

Cada uma dessas "orientações" prevaleceram durante um certo período, pelo menos na América Latina, e algumas são adotadas até hoje. Quando a "orientação" para os meios era predominante, por exemplo, os países subdesenvolvidos eram inundados com caros equipamentos audio-visuais juntamente com peritos para manejá-los. Estes equipamentos foram tomados como a panacea para a incultura, má nutrição, doença e atraso da agricultura. Muitas vezes o material audio-visual foi utilizado como se pudesse levar a mensagem por si mesmo, sem ser parte orgânica de uma complexa estratégia pedagógica, envolvendo também o contato e diálogo entre as pessoas.

A ALTERNATIVA: UM ENFOQUE PEDAGÓGICO VISANDO A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

Se o desenvolvimento rural deseja evitar as orientações unilaterais, superficiais e manipuladoras da comunicação descritas acima, deve-se fazer o treinamento do pessoal de um modo diferente. Um enfoque que leve em conta não somente os diferentes elementos do processo comunicativo (conteúdo, códigos, recursos, meios, efeitos) mas também o relacionamento da comunicação com as instituições envolvidas nas resoluções dos problemas rurais. Este enfoque deve também reconhecer a condição existencial dos receptores e seus pré-requisitos para aprender.

O SISTEMA DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS: Vamos imaginar um grupo de camponeses que vivem em uma certa comunidade. Suponhamos que eles se tornem conscientes da existência de certos problemas que limitam seu bem-estar. Como ilustração, digamos que descubram que a terra disponível é insuficiente para suas famílias, ou que a colheita é muito pequena. O que que eles geralmente fazem?

Inicialmente, eles apelam para seus recursos próprios. Comparam as diversas alternativas e partem para as soluções cabíveis. Eventualmente os problemas são solucionados. (Devemos observar que a função chave da comunicação é a de contribuir para a deliberação das soluções dos problemas da comunidade).

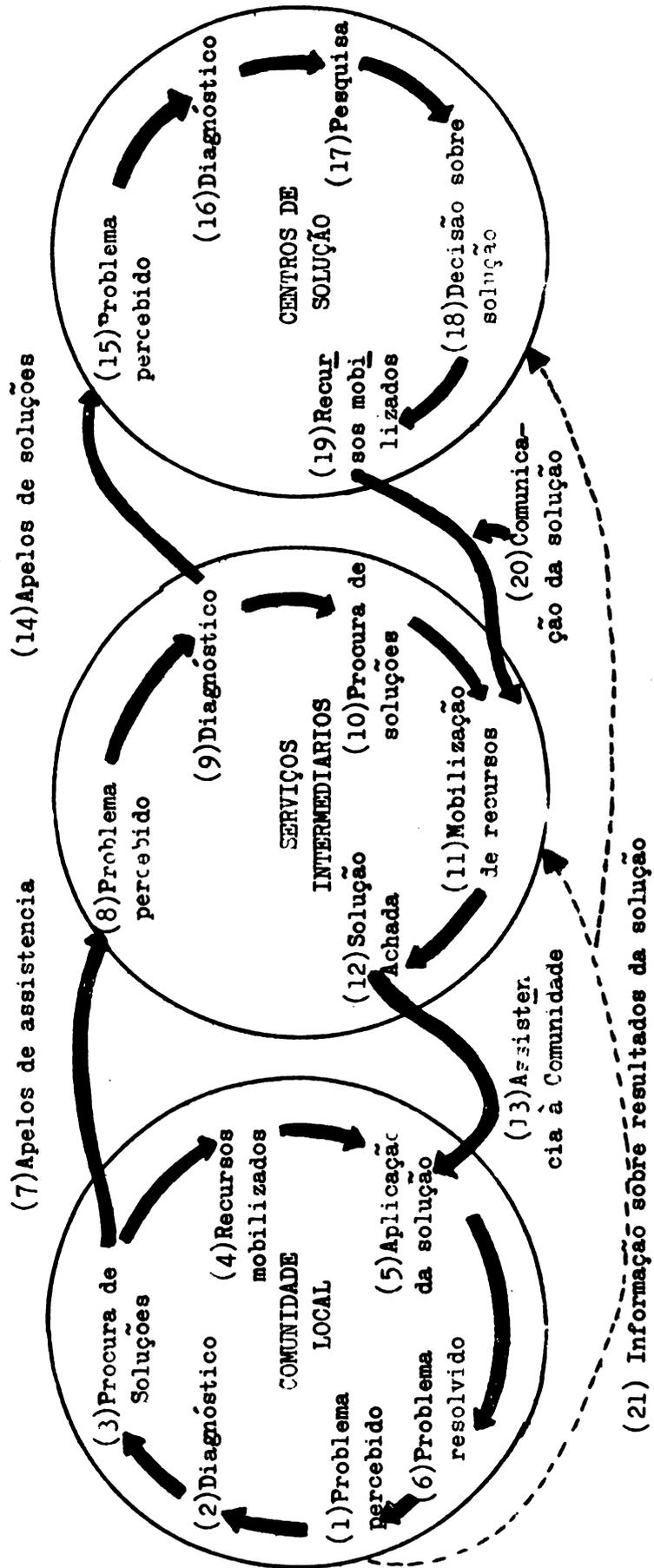
Alguns problemas contudo não são resolvidos. Os recursos locais não são suficientes. Normalmente, uma procura para obter ajuda externa é feita através de um apelo aos organismos que podem ajudar (1). Algumas vezes esses organismos têm um representante local (banqueiro, representante, supervisor da conservação do solo, etc.) que age como elo e veículo do apelo à ajuda. Dentro da agência de serviços, uma similar rotina da solução do problema é seguida (ver figura 1). Eventualmente, os recursos das agências são mobilizados e o problema da comunidade é resolvido. A solução é então comunicada à comunidade.

As vezes a agência não será capaz de produzir uma solução, assim sendo irá somente agir como intermediária entre a comunidade e o centro da solução que pode ser um ministério ou uma instituição de pesquisa. A solução encontrada pelo centro é comunicada ao agente intermediário que a propaga para a Comunidade. (Em alguns casos a solução é comunicada diretamente pelo centro à comunidade).

Estes tres possíveis processos são uma parte orgânica do sistema da solução dos problemas no qual a comunidade local, os serviços intermediários e os centro de soluções são acionados por um problema experimentado pela comunidade local (2).

-
- (1) É verdade que muitas comunidades afetadas mesmo depois de perceberem o problema, não fazem nada para assegurar recursos externos se os recursos locais forem incapazes. Então se justifica o uso de métodos de "conscientização" ou "incitação" descritos por P.Chantran em seu livro "A VULGARIZAÇÃO AGRÍCOLA NA AFRICA E MADAGASCAR", G.P. Maisonneuve et Larose, Paris, 1972.
 - (2) Isto parece muito simples e fácil no papel, mas toda espécie de barreiras bloqueiam a solução do problema, particularmente quando está envolvida a "conscientização" das comunidades locais sobre sua realidade. A mera possibilidade de que centenas de milhares de lavradores que não possuem terra trabalhando em latifúndios possam questionar sua não propriedade e miséria em comparação com o impressionante poderio de seus patrões fazendeiros, pode ser considerada subversiva. Mais do que isso, há uma forte tendência em muitos países de dar ao governo o monopólio da iniciativa do planejamento. As comunidades locais não são estimuladas a fazer seu próprio planejamento para resolver seus problemas, mas devem esperar pelo plano oficial o qual devem executar. Em outras palavras, existe uma direção única e vertical da comunicação, com mínimo "feed-back".

Fig. 1 - Esquema de um sistema de solução de problemas



(Adaptado de Ronald Harelock, em "Planning for Innovation through Dissemination and Utilization of Knowledge", Institute for Social Research, The University of Michigan, Ann Arbor, Michigan, 1970.)

É obvio que o processo da solução do problema pode acontecer em várias outras seqüências. Por exemplo, o centro de solução pode descobrir uma nova técnica ou produto e enviar um relatório à agência de serviços, para que esta convença a comunidade do local em adotar a inovação. Contudo, a falta de participação inicial e envolvimento da comunidade na definição e articulação do problema, pode contribuir para a perpetuação da dependência da população rural com relação as agências externas a ela.

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO

No diagrama do sistema de solução de problema nós observamos importantes funções de comunicação, as quais são contudo frequentemente subestimadas:

- a) Articulação do problema no nível local e sua apresentação para as agências de fora (via representante local ou por contato direto).
- b) Fluxo interno da procura de solução e tomada de decisão através da agência de "serviços" intermediária.
- c) Entrega de ajuda (solução) para a comunidade local.
- d) Articulação do problema pela agência intermediária e sua apresentação para os centros de solução.
- e) Fluxo interno de pesquisa e tomada de decisão dentro do centro de solução.
- f) Comunicação da solução para agência intermediária e/ou para a comunidade local.
- g) Feed-back e consulta mútua durante todo o processo, entre os tres subsistemas trabalhando para solucionar o problema.

Estas funções nos dão uma clara orientação para o treino em comunicação. Não somente o pessoal de desenvolvimento rural deveria ser treinado para tornar estes fluxos mais eficientes, mas a comunidade local deve também ser treinada para articular e comunicar seus problemas. Mais especificamente, os objetivos do treinamento para os grupos envolvidos no sistema deveriam ser:

1) PARA A COMUNIDADE LOCAL:

- conscientizar a população rural de sua situação estrutural e suas causas, como também de sua privação cultural e sua marginalização social;

- adquirir habilidades de comunicação que irá torná-los capazes para discutir, organizar e tornar suas aspirações e opiniões conhecidas pelo resto da população, particularmente pelos líderes cujas decisões são cruciais;
- obter habilidades de comunicação para participar ativamente nos sucessivos estágios do processo de planejamento do desenvolvimento: análise da realidade, definição dos objetivos e diretrizes; difusão do plano, execução, controle e avaliação;
- capacitá-los a passar a outros o conhecimento técnico que eles adquiriram, para que a transferência de tecnologia seja um processo maciço de base. Esta transferência massiva de informação e tecnologia é a chave do genuíno desenvolvimento rural, particularmente para os países em que há falta de recursos financeiros para recrutar suficientes agentes da mudança.

2) PARA O PESSOAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL:

- aprender como conduzir um diálogo com pessoas de uma maneira mais democrática, deixando de lado o paternalismo e a propaganda persuasiva;
- obter habilidades comunicacionais para dialogar com os superiores e os centros de solução e transmitir-lhes os problemas, desejos e aspirações do povo;
- criar eficientes mecanismos institucionais para o fluxo comunicacional e feed-back;
- perceber e analisar problemas dentro de um contexto maior do que o meramente técnico ou econômico;
- apresentar as soluções para o povo numa forma em que ao mesmo tempo contribua para um incremento do conhecimento, da sua capacidade de pensar e decidir.

O CAMINHO PEDAGÓGICO

Ao tratar das orientações da comunicação, temos lamentado que os enfoques não sejam válidos porque os elementos do processo são manipulados em uma única direção e de forma bastante mecânica. Qual é a alternativa que propomos?

1. O caminho proposto para o desenvolvimento rural deve ser baseado num sistema de valores no qual o crescimento humano é mais essencial do que o lucro econômico e o avanço tecnológico, e indo mais longe, estas duas características sejam consi

deradas somente meios para chegar-se ao mais básico objetivo do crescimento e enriquecimento humano. Isto é muito importante para conter-se a filosofia de desenvolvimento que sacrifica até a liberdade individual e dignidade em nome do desenvolvimento tecnológico e econômico. Aceitamos que o credo dos tecnocratas possa produzir muito sucesso a curto prazo, mas no longo prazo causa decadência e opressão. Portanto, mesmo quando estamos tentando promover a produção e a produtividade através da transferência de tecnologia, devemos utilizar um método ou enfoque que assegure o desenvolvimento dos receptores como seres humanos, assim como o melhoramento de suas habilidades de produção. Essa pedagogia não deve ser do tipo que Paulo Freire chama "educação bancária" na qual o conhecimento e a experiência são "depositados" na cabeça do estudante passivo através de métodos autocráticos e não-participantes. A nova pedagogia deve combinar o ensino do conteúdo (idéias, técnicas) com a estimulação da habilidade do receptor de pensar, julgar, criticar e tomar decisões livres. Essa pedagogia deve incluir o ensino de valores: liberdade, dignidade humana, cooperação, honestidade, justiça, etc. sem o que a mera "tecnificação" pode levar ao desastre.

2. As aplicações dessa abordagem pedagógica, isto é, os métodos de treinamento, devem seguir intimamente o modo de percepção, aprendizagem e mudança que é característica do povo rural. Devem-se, assim, basear nos princípios psicológicos de motivação, percepção, raciocínio e memória do povo, cujo modo de vida os torna diferentes dos habitantes da cidade.

E o que esses princípios nos dizem? A resposta de Charles Maguerez ^{1/} é a seguinte:

"Como todas as técnicas, as de agricultura são parte de uma ciência experimental. Portanto, devem ser transmitidas adotando o mesmo tipo de raciocínio que contribuiu para seu desenvolvimento. É necessário que o esquema de raciocínio seja traduzido num princípio pedagógico simples e claro, facilmente aplicável por técnicos encarregados de difundir assistência nas áreas rurais".

^{1/} Técnico da "Société de Aid Technique et Commercial" da França (SATEC).

Charles Maguerez 2/ chama esse princípio pedagógico de "o método do arco", possuindo cinco fases:

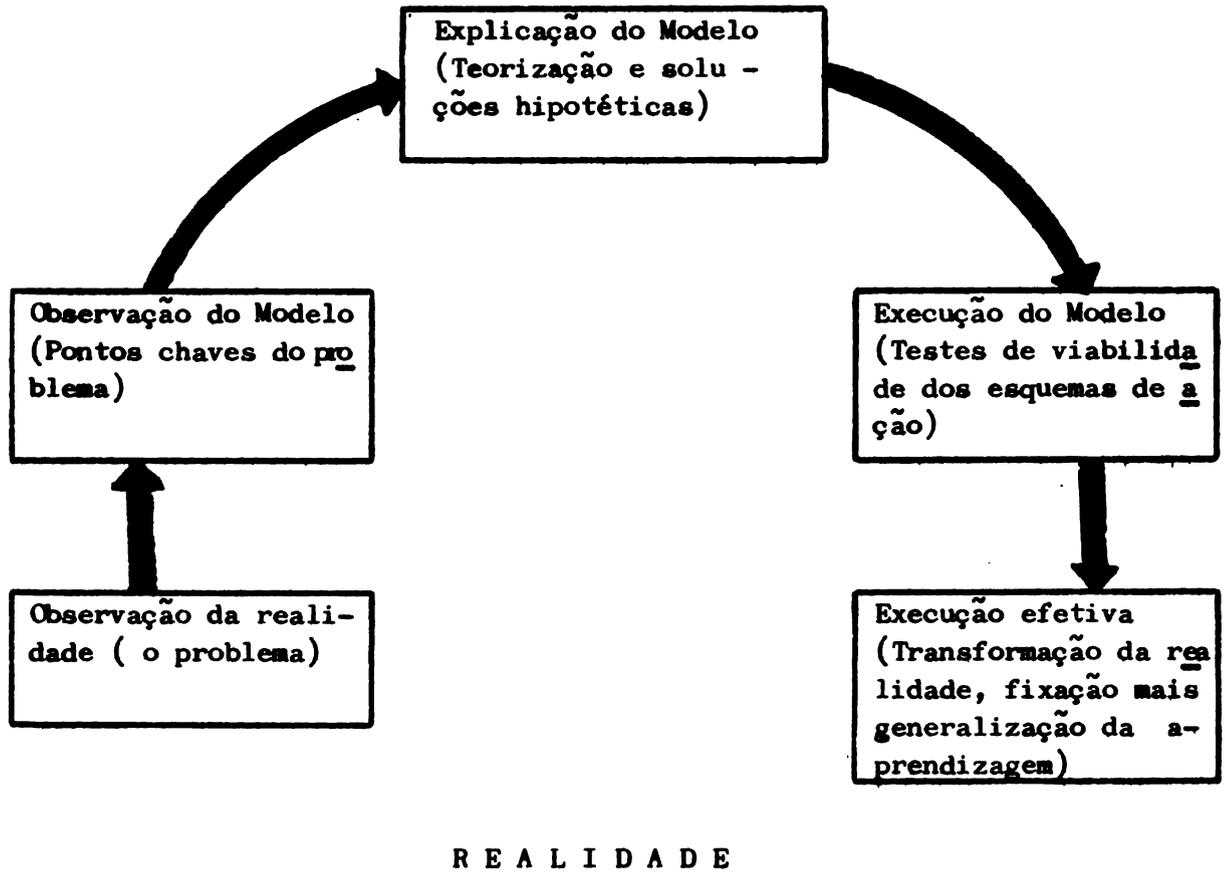


Fig. 2 Esquema do Arco

2/ Adaptado do Relatório de Charles Maguerez à Coordenadoria de Assistência Técnica Integral da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, SATEC, Paris, França, 1970.

FASES DA APRENDIZAGEM

1. A primeira fase, a "observação da realidade", consiste em considerar todos os aspectos do problema e identificar as medidas mais importantes que contribuem para sua solução.
2. A segunda fase, a "observação do modelo", consistirá na elaboração de um resumo dessa realidade que deverá ser orientado pela escolha dos aspectos e características mais importantes para a solução do problema.
3. Na terceira fase "explicação do modelo" o problema será analisado teoricamente nos seus componentes e linhas principais, sempre focalizando as ações que tendem a modificar os aspectos característicos avaliados na segunda fase.
4. A quarta fase "execução do modelo" será uma confrontação entre um esquema de ação que surge da terceira fase e os dados resumidos e organizados no "modelo" (segunda fase).
5. Finalmente, a quinta fase "execução efetiva" consiste em aplicar à realidade o esquema de ação anteriormente planejado e testado contra o modelo (com modificações eventuais que possam resultar do teste).

Essa fase final também virá a fixar o que foi aprendido e a generalizar a aprendizagem a outras situações.

SERVIÇOS DE APOIOS ESSENCIAIS

Um serviço total de apoio deve ser montado pela agência de desenvolvimento rural para apoiar o uso do método do arco por seu pessoal de campo após o devido treinamento.

Para cada problema local, por exemplo, os técnicos podem:

- a) Preparar as perguntas que guiarão a observação da realidade;
- b) Propor o tipo de modelo a ser construído com base na observação da realidade;
- c) Buscar explicações teóricas do problema que possam ser compreendidas pelos camponeses;
- d) Sugerir termos de comparação entre as soluções propostas e o modelo;

- e) Prever esquemas alternativos de ação que os camponeses possam escolher, a fim de pensar na infra-estrutura necessária que facilite sua execução. Sobretudo, estarão preocupados em estabelecer um sistema de realimentação (feed-back) que permita a observação da capacidade crescente de compreensão dos camponeses e a aplicação de novos programas de ação.

O "método do arco" também proporciona uma base funcional para escolher métodos e materiais para cada uma de suas fases. Por exemplo, em vez de considerar os meios audiovisuais somente como um instrumento para reforçar a transmissão de informação, podem ser usadas para facilitar a observação da realidade, a construção de modelos e a discussão das relações básicas envolvidas.

RESUMO E CONCLUSÕES

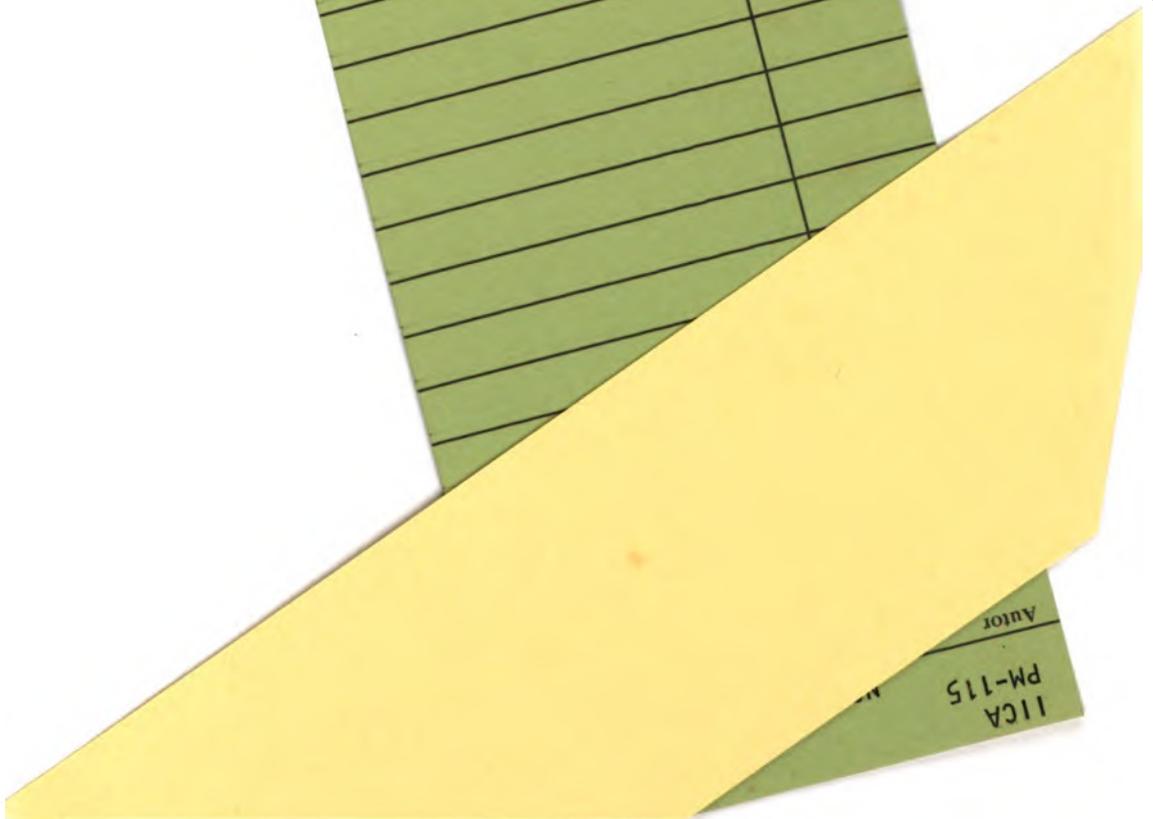
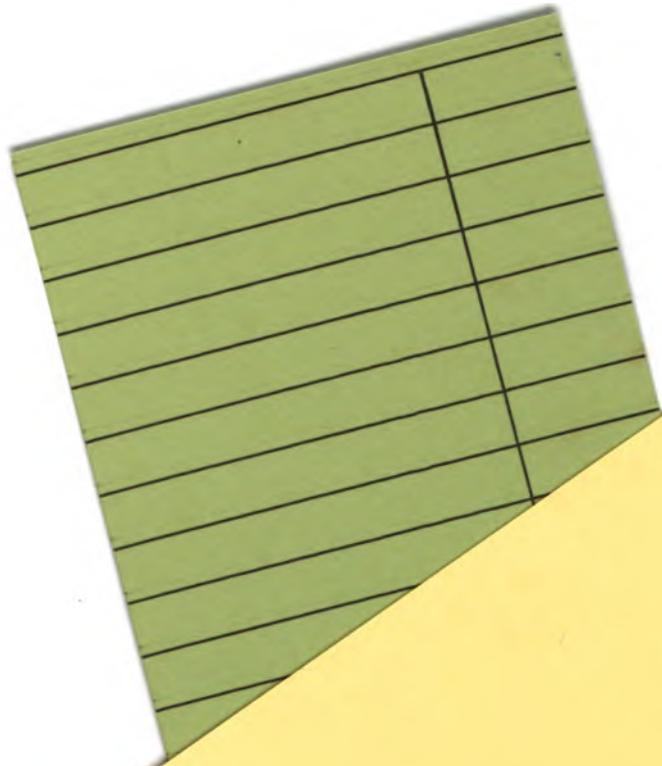
Este artigo considera as decisões tomadas pelo grupo e pelo indivíduo como a mola propulsora do desenvolvimento e fundamenta nesse princípio a importância do treinamento em comunicação para o desenvolvimento rural.

Comunicação, todavia, pode lamentavelmente ser mal usada se um único elemento do processo é enfatizado demasiadamente, em vez de se aplicar uma abordagem mais global e sistêmica. Consequências positivas e negativas dependerão da "orientação de comunicação" dominante.

Para evitar orientações de comunicação unilaterais se propõe um modelo que combine dois objetivos fundamentais do desenvolvimento rural: o crescimento de indivíduos como seres humanos e a solução de seus problemas.

Tenta-se solucionar os problemas através do treinamento de pessoal de tres subsistemas relacionados: a comunidade local, os serviços intermediários e os centros de solução. O desenvolvimento de indivíduos como seres humanos é garantido pela adoção de uma filosofia e uma abordagem pedagógica descritas no artigo.

O autor reconhece que a aplicação dessas idéias enfrenta sérias barreiras políticas nos países em desenvolvimento que ainda não modificaram as estruturas sociais tradicionais onde as massas rurais são enormemente desprivilegiadas. Muitos países do mundo, contudo, estão tomando, ou estão prontos a tomar, uma decisão nacional para a libertação e o desenvolvimento humano geral. Esse artigo é dedicado a esses países.



11CA
PM-115
Autor



DOCUMENTO
MICROFILMADO
Digitized by Google
Fecha: - NOV. 19

